

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
CURSO DE LETRAS

JAIRO EDUARDO GOMES FREITAS RAMOS

**TRAÇOS AUTORITÁRIOS E PERSUASIVOS EM DISCURSOS ENUNCIADOS PELAS FORÇAS  
ARMADAS: ORDEM DO DIA**

**Porto Alegre  
2023**

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

**TRAÇOS AUTORITÁRIOS E PERSUASIVOS EM DISCURSOS ENUNCIADOS PELAS FORÇAS  
ARMADAS: ORDEM DO DIA**

**JAIRO EDUARDO GOMES FREITAS RAMOS**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção  
de grau de Doutor em Letras na Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Cláudio Primo Delanoy

**Porto Alegre**

**2023**

## Ficha Catalográfica

R175t Ramos, Jairo Eduardo Gomes Freitas

Traços Autoritários e Persuasivos em Discursos Enunciados pelas Forças Armadas : Ordem do Dia / Jairo Eduardo Gomes Freitas Ramos. – 2023.

108.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy.

1. Linguagem. 2. Autoritarismo. 3. Democracia. 4. Círculo de Bakhtin.  
I. Delanoy, Cláudio Primo. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

# TRAÇOS AUTORITÁRIOS E PERSUASIVOS EM DISCURSOS ENUNCIADOS PELAS FORÇAS ARMADAS: ORDEM DO DIA

Jairo Eduardo Gomes Freitas Ramos<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho investiga a entonação em enunciados escritos e a construção de sentidos sob o viés dialógico de Bakhtin e seu Círculo. Para tanto, analisaremos o documento oficial do Exército Brasileiro, denominado “Ordem do Dia” em versões dos anos 2019, 2020 e 2021. Como objetivos, pretendemos, além de analisar como se dá a construção de entonações autoritárias nos discursos Ordem do Dia expedidos pelo Ministério da Defesa: 1. Analisar a seleção lexical e a organização sintática dos enunciados nesses documentos oficiais enquanto portadores de entonações; e 2. Analisar as diferentes versões do termo “democracia” desde a época do movimento militar de 1964 até os dias atuais. Assim, conseguiremos descrever discursivamente as marcas de orientação do enunciado (para o outro). Para atingirmos tais objetivos, discutiremos, com base na fundamentação teórico-metodológica do Círculo de Bakhtin, conceitos fundamentais do pensamento do Círculo, tais como: valoração, entonação, gêneros do discurso, plurilinguismo, dialogismo, ideologia, interação verbal, além de refletirmos sobre a compreensão de efeitos de sentido persuasivos e autoritários em discursos nas obras de Bakhtin e seu Círculo. Como resultado da presente pesquisa foi verificado que das três Ordens do Dia, foi possível perceber que são praticamente paráfrases uma da outra, as três têm os mesmos sentidos, ou seja, consideram os mesmos tópicos: ameaça à democracia, conflitos na Europa, a participação heroica do Brasil na II Guerra Mundial, o compromisso por parte das Forças Armadas em salvar os brasileiros das ameaças de implantação de regimes totalitários no Brasil e a anistia. É praticamente o mesmo discurso parafraseado nas três ordens. Foi possível ainda verificar que as características típicas do discurso do gênero militar: claro, objetivo, com praticamente nenhuma abordagem pelo locutor que gere algum tipo de polêmica ou sentido dúbio nas afirmações por parte do interlocutor, no caso a tropa. Trata-se de um discurso monológico e, por parte do locutor, autoritário, o que é possível perceber por meio da seleção lexical e pela estrutura sintática presente no discurso para a tropa.

**Palavras – Chave:** Linguagem, Autoritarismo, Democracia, Círculo de Bakhtin.

---

<sup>1</sup> Formado em Letras pela Universidade Luterana do Brasil no ano de 2010/1. Doutorando em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: jairo.ramos@edu.pucrs.br

## **ABSTRACT**

The present work investigates the intonation in written utterances and the construction of meanings under the dialogic bias of Bakhtin and his Circle. To do so, we will analyze the official document of the Brazilian Army, called "Ordem do Dia" in versions of the years 2019, 2020 and 2021. Defense Ministry. 1. Analyze the lexical selection and syntactic organization of utterances in these official documents as carriers of intonations; and 2. Analyze the different versions of the term "democracy" from the time of the 1964 military movement to the present day. Thus, we will be able to discursively describe the orientation marks of the utterance (towards the other). In order to achieve these objectives, we will discuss, based on the theoretical-methodological foundation of the Bakhtin Circle, fundamental concepts of the Circle's thought, such as: valuation, intonation, speech genres, plurilingualism, dialogism, ideology, verbal interaction, in addition to reflecting on the understanding of persuasive and authoritarian meaning effects in discourses in the works of Bakhtin and his Circle. As a result of this research, it was verified that of the three Orders of the Day, it was possible to perceive that they are practically paraphrases of each other, the three have the same meaning, that is, they consider the same topics: threat to democracy, conflicts in Europe, participation of Brazil in World War II, the commitment by the Armed Forces to save Brazilians from the threats of implantation of totalitarian regimes in Brazil and the amnesty. It is practically the same speech paraphrased in the three orders. It was also possible to verify that the typical characteristics of the discourse of the military genre: clear, objective, with practically no approach by the speaker that generates any kind of controversy or dubious meaning in the statements by the interlocutor, in this case the troop. It is a monological speech and, on the part of the speaker, authoritative, which is possible to perceive through the lexical selection and the syntactic structure present in the speech to the troop.

**KEY- WORDS:** Language, Authoritarianism, Democracy, Bakhtin Circle.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais Antônio Carlos da Silva Melo e Maria Natividade Gomes da Silva, por terem me dado todo o suporte desde a infância para que eu conseguisse chegar até essa fase da minha vida.

À minha esposa amada Natacha S. Florence Ramos e ao meu filho Stéfano Florence Ramos, razões de ser da minha vida e motivação da concretização desse sonho, os meus sinceros agradecimentos.

Ao meu querido, presente, competente, e referência de capacidade e postura profissional professor Cláudio Primo Delanoy por todo o incansável apoio e por todo o aprendizado neste período de convivência desde 2018.

Ao meu secretário Ricardo Colella, meu fiel amigo, por todo o suporte dado a mim ao longo do Doutorado. Meu muito obrigado!

A todos os meus professores do Doutorado da PUCRS e do Mestrado na Uniritter, porque sem eles eu não teria o conhecimento necessário para realizar esse sonho.

Muito obrigado a todos!

## Sumário

1 – Introdução .....	7
2 – Conceitos relacionados à linguagem segundo o Círculo de Bakhtin .....	10
2.1 Dialogismo/Interação no Discurso/ Heterodiscurso/Compreensão Responsiva / .....	10
2.2 O Enunciado.....	21
2.3 Significação e Tema .....	24
2.4 Signo Ideológico e o Estudo da Reflexão e Refração .....	27
2.5 Entonação / Valoração .....	34
2.6 Gêneros do Discurso .....	38
2.6.1 O Discurso, o Gênero Discursivo e os seus elementos constitutivos.....	38
2.6.2 O Gênero Discursivo “Ordem do Dia” do Comando do Exército.....	43
2.6.3 O Discurso Autoritário.....	47
2.6.4 A persuasão no Discurso .....	49
2.6.5 Os discursos internamente persuasivos e/ ou autoritários e o Círculo de Bakhtin.....	50
2.7 Relacionando Conceitos .....	51
3 Metodologia .....	60
3.1 Metodologia .....	60
4. Análise .....	63
4.1 Análises da Ordem do Dia do ano de 2019.....	63

4.2 Análises da Ordem do Dia do ano de 2020.....	78
4.3 Análises da Ordem do Dia do ano de 2021.....	88
5 Considerações Finais.....	95
Referências.....	98
Anexos .....	102



## 1- Introdução

O Exército Brasileiro é uma instituição que possui um discurso característico, particularizando-se de outros discursos, que lhe confere uma identidade peculiar – uma linguagem própria à esfera militar. Nesses discursos, pretendemos analisar a entonação de enunciados escritos e a construção de sentido no discurso como um todo.

Uma justificativa desse trabalho e da escolha do tema também decorre do fato de o autor ser Oficial do Exército Brasileiro, no posto de Tenente-Coronel, e ter, em 2002, ingressado no curso de Letras da Universidade Luterana do Brasil – Campus Canoas. A partir daí, foi despertada a curiosidade em unir as duas áreas profissionais, estudando em que ponto elas se relacionam. Se na instituição militar usam-se documentos, aplicação do discurso, enunciados, linguagem, estrutura composicional com um estilo próprio, é porque está caracterizado, então, um gênero discursivo, que foi o tema da dissertação de mestrado.

O referencial teórico condutor desta pesquisa é realizado com base em conceitos de Bakhtin e o seu Círculo, sustentados pelo caráter dialógico da linguagem. O corpus da pesquisa é constituído por três Ordens do Dia, documentos oficiais do Exército Brasileiro, referentes aos anos 2019, 2020 e 2021, alusivos ao movimento militar de 1964. Como objetivos, pretendemos analisar o plurilinguismo ou heteroglossia e a construção do sentido, bem como analisar a seleção lexical e a organização sintática dos enunciados nesses documentos oficiais enquanto portadores de entonações. Também pretendemos analisar as diferentes versões do termo “democracia” em virtude dos reflexos sociais vividos pela população, desde a época do movimento militar de 1964 até os dias atuais, observando-se que o termo sofreu diversas transformações e ressignificações ao longo dessa trajetória de anos.

Como se sabe, o termo "ditadura" está associado a uma forma de governo que concentra todo o poder em mãos de uma só pessoa, um órgão, colegiado ou uma classe. No caso específico de Ditadura Militar, o termo expressa uma forma de governo cujos poderes políticos são controlados por militares. Essa ideia se associa à autoridade, ao mando, sustentados pela hierarquia militar:

Por hierarquia militar, entende-se que é a ordenação da autoridade, em níveis diferentes, por postos e graduações. Quanto à disciplina militar, entende-se como a rigorosa observância e o acatamento integral às

leis, regulamentos, normas e disposições, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes da Organização Militar.

São manifestações essenciais da disciplina: a correção de atitudes; a obediência pronta às ordens dos superiores hierárquicos, a dedicação integral ao serviço e a colaboração espontânea para a disciplina coletiva e a para eficiência das Forças Armadas. Segundo o Regulamento Disciplinar do Exército, a disciplina e o respeito à hierarquia devem ser mantidos permanentemente pelos militares na ativa e na inatividade. Pelo artigo nono do mesmo Regulamento, as ordens devem ser prontamente cumpridas. (RAMOS, 2013, p. 46).

As instituições militares modernas têm como uma das suas características fundamentais a existência de um extenso corpo de regulamento que limita e motiva o sujeito militar na construção do significado no seio da instituição. Estes regulamentos determinam desde o tipo de corte de cabelo e o modo de usar a farda, por exemplo, até a maneira de saudar militares e civis, passando pela determinação de que tipos de relações são possíveis entre os sujeitos militares, e os deveres, obrigações e liberdades que lhes são conferidos. É na observância destes regulamentos que a disciplina militar encontra a sua expressão máxima. A relação dessa disciplina e observância às normas por parte dos subordinados foi mantida e observada no período da Ditadura militar em que foi colocada em prática a ação de mando no país e todos “os soldados” executavam todos os procedimentos de acordo com o que lhes era imposto e ordenado pelo alto comando.

De acordo com a Constituição do país, as Forças Armadas de uma nação constituem o conjunto das suas organizações e forças de combate e de defesa. Dependendo do país, as Forças Armadas podem adotar designações oficiais alternativas como “forças de autodefesa”, “forças militares” ou “exércitos”. Na grande maioria dos países, as Forças Armadas são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, geralmente sob a autoridade direta do ministro da Defesa, ou equivalente, e sob autoridade suprema do Chefe de Estado ou de Governo, dependendo do regime político. Destinam-se essencialmente à defesa militar do país, podendo também – se a lei nacional permitir – colaborar na garantia dos poderes constitucionais e na defesa da lei e da ordem interna.

As Forças Armadas constituem-se em instituições nacionais autorizadas pela sua nação a usar a força – geralmente através do emprego de armas – em defesa de seu

país (incluindo atacar outros países). Ao estudo do emprego das Forças Armadas chama-se ciência militar.

Normalmente, as Forças Armadas estão divididas em três grandes organizações (designadas “forças”, “componentes”, “exércitos”, ou “ramos das forças armadas”) a cada uma das quais corresponde um ambiente principal específico de atuação (o mar, a terra e o ar). Em suma, as Forças Armadas do Brasil, são constituídas desta forma: Exército (força terrestre), Marinha (força naval) e Aeronáutica (força aérea).

Os códigos de conduta ou regulamentos de disciplina são efetivamente a base legal ou estatutária usada para definir conceitos-chave da instituição, para além da identificação e conceitualização dos deveres militares e da eficiência militar, não podendo ser menosprezado o seu modo dual de funcionamento como instrumento e expressão de dominação, um meio para o exercício do poder: poder enquanto controle sobre o indivíduo, decorrente da especificidade do texto legal, o Código, o Estatuto ou Regulamento, enquanto instrumento de regulação e de disciplina; mas, sobretudo, poder enquanto controle sobre a interpretação, decorrente do caráter definitivo do conceito de disciplina militar, que é característico desses códigos ou regulamentos, os quais abrem novas potencialidades ao controle sobre o indivíduo.

Todavia, dizer que os regulamentos militares são leis de ação é escamotear características fundamentais: a sua função é de controle e de manutenção da estrutura hierárquica de relações, condição essencial para a sobrevivência da instituição como tal. Com isso, vê-se que seus documentos oficiais traduzem de maneiras características tais hierarquias por meio de entonações específicas, que é o tema desta pesquisa.

No período de 1964 a 1985, houve na política brasileira o governo da nação por militares das diversas Forças. À época, esse movimento tinha como objetivo evitar o avanço das organizações populares do Governo de João Goulart, presidente do Brasil na ocasião. Por si só, esse conceito de governo está associado aos de autoritarismo, restrição, imposição e, em caso de necessidade conforme a função institucional em caso de crise no país, opressão. A história marca diversos reflexos sociais vividos pela população em virtude desse movimento militar em 1964: censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do então regime ditador.

Para atender os objetivos desse estudo serão analisados três “Ordens do Dia”, escolhidas como corpus da pesquisa, referentes aos anos 2019 a 2021, nestes documentos será analisada a entonação em enunciados escritos e a construção de sentido nestes documentos, além de analisar os signos ideológicos veiculadores de entonações.

O trabalho se estruturará da seguinte forma: No capítulo segundo serão abordados conceitos relacionados à linguagem segundo o Círculo de Bakhtin, o estudo do dialogismo, enunciado, significação e tema, o signo ideológico e o estudo da reflexão e refração, a entonação e valoração, bem como os gêneros do discurso, em particular o gênero Ordem do Dia, o discurso autoritário e a persuasão contidas nele, os discursos internamente persuasivos e/ou autoritários e a sua relação com o Círculo de Bakhtin.

No capítulo terceiro será abordado a metodologia e as análises e, finalmente, no quarto capítulo serão tratadas as considerações finais.

## **2. Conceitos importantes relacionados à linguagem segundo o Círculo de Bakhtin**

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem". (VOLOCHÍNOV, 2018, p. 261) Compreender como funciona a linguagem é antes de tudo tornar-se cidadão, tendo em vista que os discursos "podem igualmente libertar ou oprimir, manipular ou revelar como é feita a manipulação. (CITELLI, 1994, p. 8).

Neste capítulo, abordaremos elementos-chave de Bakhtin e o Círculo, como embasamento teórico do nosso trabalho, imprescindíveis para o perfeito entendimento das análises futuras desta tese.

### **2.1 Dialogismo, Interação no Discurso, Heterodiscurso, Compreensão Responsiva**

Dialogismo, segundo Volochínov (2017), é o processo de interação entre enunciados, tanto na escrita como na leitura. O enunciado não é considerado isoladamente, mas sim correlacionado com outros enunciados com os quais trava um diálogo, como uma resposta a eles.

O diálogo se dá a partir da noção de recepção ou compreensão de uma enunciação, o qual constitui um território comum entre o falante e o ouvinte. Pode-se dizer que os interlocutores ao colocarem a linguagem em relação um frente ao outro produzem um movimento dialógico.

A importância do estudo do dialogismo para Bakhtin assenta-se no fato de que

ele afirma que toda palavra dialoga com outras palavras e, uma vez que ele dê um papel centralizador à linguagem, pode-se definir que é ela que constrói o mundo e suas relações de discurso. São levados em consideração nesse processo alguns fatores como, por exemplo, entonação de voz, como expressão valorativa do objeto conforme veremos adiante. Do mesmo modo, os enunciados são descritos como as unidades reais de comunicação, pois diferentemente das unidades da língua como os sons, as palavras e as orações, o enunciado é único e, portanto, depende da instância de produção do discurso, ou seja, dos interlocutores, tempo, espaço, e situação sócio-histórica.

Segundo Brait (1997), dialogismo é o permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como a constitutiva natureza da linguagem. Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações estabelecidas entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos.

Ainda segundo a mesma autora, as formas de representação e de transmissão do discurso de outrem, parte integrante, constitutiva, de qualquer discurso, quer essa heterogeneidade seja marcada, mostrada ou não, bem como a natureza social e não individual das variações estilísticas, configuram em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” um momento de formalização da possibilidade de estudar o discurso, isto é, não enquanto fala individual, mas enquanto instância significativa e entrelaçamento de discursos que, veiculados socialmente, realizam-se nas interações entre sujeitos. Sob essa perspectiva, a natureza do fenômeno da linguagem passa a ser enfrentada em sua dimensão sócio-histórica, a partir de questões específicas de interação, da compreensão e da significação, trabalhadas discursivamente.

Um dos conceitos importantes que merecem destaque nessa seção é o da interação do discurso. Para iniciar o estudo acerca do tema “interação verbal”, é importante definir esta expressão, conhecer sua real aplicação no estudo da Linguística. Conforme Volochínov (2017), foi verificado que a essência da língua não está relacionada a um abstrato código de formas linguísticas, muito menos ao ato físico simplesmente da enunciação. A interação verbal está relacionada à ideia do fenômeno social, seja a comunicação em voz alta, entre pessoas face a face, ou a qualquer outro tipo de comunicação verbal. Pode-se citar aqui um exemplo importante de um elemento de comunicação verbal: o livro – representa o ato de fala de maneira escrita.

Qualquer ato enunciativo constitui uma parte de uma corrente de comunicação

verbal contínua, podendo estar ligado a fatos da vida cotidiana, à literatura, à política, à economia entre outros. Obviamente, essa comunicação verbal contínua representa um momento na constante evolução de um determinado grupo social. Segundo Volochínov (2017), a língua não se transmite, ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo – assim sendo, as pessoas não recebem a língua pronta para ser usada.

Entender essa correlação é um tanto quanto curioso: sabe-se que a enunciação é o resultado da interação de mais um indivíduo, sendo estes socialmente organizados e que qualquer que seja o aspecto da expressão em questão, este estará determinado pela situação social mais imediata. Entretanto, o mundo interior e a reflexão de cada pessoa tem um “auditório social” próprio, contendo no seu interior as suas motivações, opiniões, conceitos e valores entre outros.

Desta forma fica mais fácil entender a exposição de Bakhtin acerca da atividade mental, quando ele aborda que a expressão é que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação, e não ao contrário.

A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação. Essa situação está relacionada ao grau de consciência de cada um inserido no meio, uma vez que a enunciação é a expressão de realidade, do contexto social.

Como percebemos, Bakhtin valoriza o meio social em quase todas as suas afirmações. Segundo ele, para observar o fenômeno da linguagem, é necessário ambientar os sujeitos no meio social. A origem primeira dos nossos posicionamentos vem de fora para dentro. Em suma – a enunciação é de natureza social (referindo-se ao conteúdo da fala e não ao ato físico).

Em face do exposto acima, é conveniente, segundo Bakhtin (Volochínov, 2017), que abordemos o tópico “subjetivismo individualista” ( a primeira tendência do pensamento filosófico – linguístico) o qual está ligado ao Romantismo. O Romantismo, na verdade, configura-se como uma reação à palavra alheia e às categorias do pensamento condicionadas por ela. De modo mais preciso, o romantismo foi uma reação à última recidiva do domínio cultural da palavra alheia, ao Renascimento e ao neoclassicismo.

Assim sendo, o enunciado monológico do ponto de vista do subjetivismo individualista é um ato puramente individual, uma expressão da consciência individual, dos seus propósitos, intenções, impulsos criativos, gostos e assim por diante. A categoria da expressão é aquela categoria superior e geral à qual é reduzido o ato linguístico, isto

é, o enunciado.

Segundo Amorim (2004, p.151) , "O monologismo como esquecimento da alteridade, que está na origem de seu dizer, é também uma etapa na vida criativa do autor". A autora (AMORIM, 2004, p. 16) afirma que o discurso científico apresenta níveis dialógicos e níveis monológicos.

Ainda para a mesma autora, Bakhtin, ao abordar o caráter monológico do discurso, se refere à especificidade desse discurso e, "reconhecê-lo, nessa diferença, significa justamente deixar espaço para outras modalidades discursivas" (AMORIM, 2004, p. 147,148). A autora (AMORIM, 2004, p. 16) enfatiza, ainda, que adotar uma perspectiva dialógica não significa recusar todo texto monológico, uma vez que o monologismo "tem sua produtividade, sua potência de dizer". Pode-se afirmar, portanto, que o discurso científico, sendo uma manifestação da linguagem humana, é na sua essência dialógico e é perpassado pela palavra do outro, por vezes outras. Ao mesmo tempo, esse discurso constitui-se por momentos monológicos e dialógicos, pois, como assinala Amorim (2004, p. 16), "não existe dialogismo absoluto, nem monologismo absoluto".

A palavra, portanto, transita do locutor ao outro, que, por sua vez, produz sempre uma resposta, segundo a teoria Bakhtiniana que no diz que o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva do outro. Desse modo, relações dialógicas estão acontecendo constantemente no discurso científico, posto que o cientista está sempre em busca de uma resposta, de uma reação do outro. E, segundo Volochínov (2018) pelo simples fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica.

Conforme Volochínov (2017) nos fala, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo.

Todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta (cotidiana, literária, científica, política). No entanto, essa comunicação discursiva ininterrupta é, por sua vez, apenas um momento da *constituição* ininterrupta e multilateral de uma dada coletividade social.

*A comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta.* A comunicação verbal está diretamente relacionada às comunicações de outros tipos, por terem surgido no terreno comum da comunicação produtiva. Obviamente, não se pode separar a palavra dessa comunicação unificada em eterna formação. A comunicação verbal, na sua relação de concretude com a situação, está sempre acompanhada por atos sociais cujo caráter é de natureza não discursiva, sejam simples atos laborais, ou até mesmo atos de natureza simbólica, dos quais ela representa frequentemente, segundo nos diz Volochínov (2017) um complemento, desempenhando um papel secundário. *A língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.*

Ponzio (2008) menciona que falamos sempre através da palavra dos outros, seja por meio de uma simples imitação, como uma pura citação, seja em uma tradução literal ou, ainda, seja através de diferentes formas de transposição, que comportam diferentes níveis de distanciamento da palavra alheia: a palavra entre aspas, o comentário, a crítica, o repúdio, etc.

Falar, tanto em sua forma escrita como na oral é empregar peças que se obtêm, desmontando discursos alheios. Essas peças não pertencem à língua como sistema abstrato, mas a discursos concretos, ligados a contextos situacionais e linguísticos concretos.

Ainda de acordo com o mesmo autor, todas as vezes que se produz um discurso produz-se, portanto, duas perspectivas: uma “temática”, de “conteúdo”, “referencial”, e outra formal, gramatical, estilística. As duas pressupõem uma abertura à palavra alheia: a determinação, a eleição de um tema e a identificação de um referente se introduzem num contexto comunicativo, numa direção do discurso já constituído.

Cabe ressaltar que a importância do discurso alheio está ligada à presença do outro no discurso, isto é, o uso do discurso relatado como veiculação do discurso de outrem dentro do discurso enunciador, conclui-se daí, que o discurso na íntegra não é puramente original. Esse tópico foi abordado neste momento, em face da relevância do instrumento discurso na esfera militar, objeto deste trabalho.

O conceito de polifonia é outro assunto de destaque no estudo da teoria bakhtiniana. Segundo Teixeira e Lopes (2010), o conceito de polifonia foi formulado em Problemas da obra de Dostoiévski, de Mikhail Bakhtin, que empresta da música, para



designar a forma artística criada pelo escritor russo Dostoiévski. Essa obra foi revista e ampliada pelo próprio autor, em 1961, por solicitação de professores da Universidade de Moscou, e publicada em 1963, com o título *Problemas da Poética de Dostoiévski* (PPD).

No primeiro capítulo de *Problemas da poética de Dostoiévski* (PPD) temos uma noção do termo polifonia. PPD começa com um protesto contra os estudiosos de Dostoiévski que, Segundo Brait (2009), não foram capazes de perceber sua principal contribuição para a arte literária, entusiasmados que ficaram com seu legado para a teologia, a filosofia da moral, a psicologia e o nacionalismo russo. Bakhtin tem por meta corrigir essa omissão, destacando que os acontecimentos não são o mais importante em Dostoiévski, isto é, a trama em si fica em segundo plano para dar relevo à consciência e às ideias.

Dostoiévski é apresentado, já na Introdução (BRAIT, 2002, p.1-2), como "um dos maiores inovadores no campo da forma artística". Bakhtin está convencido de que o escritor russo criou "um tipo inteiramente novo de pensamento artístico: o tipo *polifônico*. E informa que o objetivo de seu trabalho será apresentar, por meio da análise teórico-literária, o que constitui, de fato, essa "inovação fundamental de Dostoiévski".

No capítulo inicial de PPD, o termo polifonia aparece pela primeira vez acompanhado do adjetivo *autêntica* (BRAIT, 2009, p.2):

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante.

O trecho acima indica que a *autêntica polifonia* destituiu o autor do domínio sobre as personagens, apresentadas como "pessoas livres, capazes de colocar-se lado a lado com seu criador, de discordar dele e até de rebelar-se contra ele (1997, p.4). Pode-

se afirmar ainda, levando-se em conta também os parágrafos anteriores ao trecho citado, que nesse novo modo de conceber o romance não é tanto o enredo da obra que importa, mas a série de discursos filosóficos, "autônomos mutuamente contraditórios" (1997, p.3), defendidos pelos próprios heróis em pé de absoluta igualdade com o autor.

A seguir, o termo aparece adjetivando romance: "Dostoiévski é o criador do romance polifônico. Criou um gênero essencialmente novo" (1997, p.5). Esse gênero é caracterizado particularmente por:

- não se subordinar a nenhum dos esquemas histórico-literários aplicados, à época, ao romance europeu;

- assinalar o surgimento de um herói (personagem) cuja voz se estrutura do mesmo modo como se estrutura a voz do autor no romance comum.

Ainda segundo Teixeira e Lopes (2010) é possível percebermos que a palavra polifonia nomeia uma peculiaridade estrutural, a partir da qual um novo tipo de romance é engendrado, fundamentalmente definida por uma mudança na posição classicamente ocupada pelo autor no romance europeu: ele não se apresenta mais como tendo um excedente de visão em relação às personagens, excedente este que lhe permite completá-las, mas caracteriza-se por colocar sua voz ao lado da voz do herói, coadunando-se com ela e com as vozes plenivalentes de outros personagens.

Ao longo do capítulo, fica claro que a noção de polifonia como novo tipo de criação artística se refere:

- (a) ao conteúdo (ideias / multiplicidade de consciências com seus mundos), conforme o trecho em que Bakhtin destaca que a obra de Dostoiévski pode ser decomposta em várias filosofias autônomas mutuamente contraditórias, defendidas pelos heróis (Brait, 1997, p.3);

- (b) à estrutura do romance, sua composição, seu aspecto formal; ao conjunto de procedimentos artísticos especiais de construção do romance, conforme se pode constatar nos seguintes fragmentos: "Trata-se, antes de mais nada, da liberdade e independência que elas assumem na própria estrutura do romance em relação ao autor(...)" "através de todo um conjunto de procedimentos artísticos especiais de construção do romance" (Brait, 1997, p.11-12).

Em resumo, o romance polifônico constitui-se de um mosaico de concepções filosóficas plenivalentes, em que a voz do autor entra em relação de equipolência com a do herói e a das demais personagens; a inconclusibilidade se coloca como constitutiva do processo criativo; o estatuto do enredo se modifica, isto é, o plano global preconcebido da obra dá lugar à fragmentação em mundivisões autônomas.

Compreendida como uma categoria técnica para analisar a obra literária, pode-se dizer, então, que a noção de polifonia promove uma mudança na posição do autor em relação ao herói, que acaba por configurar um novo gênero: o romance polifônico, cujas características principais são a plenivalência de vozes e a fragmentação do enredo em diferentes pontos de vista filosóficos, defendidos pelas personagens.

Vista como uma categoria técnica, a polifonia estaria circunscrita a Dostoiévski? Parece que não. Frequentemente, Bakhtin cita a obra de Shakespeare, Balzac, entre outros, como apresentando elementos fundamentais encontrados em Dostoiévski: a imiscibilidade, a equipolência das vozes e a inconclusibilidade, embora só Dostoiévski tenha, segundo Bakhtin, criado a "autêntica polifonia".

O termo polifonia serve não só para nomear o conjunto de características que constituem o gênero de romance criado por Dostoiévski. Isso implica admitir uma polifonia "autêntica", em que todos os traços definidores dessa noção estariam contemplados, razão pela qual se pode falar em "romance polifônico", e "elementos de polifonia", que, em maior ou menor número, podem ser encontrados em produções literárias de outros autores.

Talvez seja essa ampliação que permita estender a noção a discursos fora do âmbito artístico. Conforme Brait (2009, p.59), conceitos como: polifonia, vozes, diálogo, gênero polifônico, herói, consciências e outros, de certa forma, servem tanto para "as especificidades da obra de Dostoiévski como para a natureza dialógica do discurso em geral".

Para melhor compreender essa afirmação da autora, é necessário percorrer toda a obra sobre o romancista russo, no decorrer da qual Bakhtin fornece elementos que permitem melhor sustentá-la. No entanto, no capítulo que examinamos, a extensão para o discurso já está claramente colocada nas observações feitas sobre as relações dialógicas, fenômeno que, no capítulo o discurso de Dostoiévski (em PPD), "será tratado como *Translinguística*" ou *Análise Dialógica do Discurso* (BRAIT, 2009, p.28),

expressão pela qual Brait nomeia uma perspectiva que, "sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada", especifica "uma postura dialógica diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador" (BRAIT, 2006, p.29).

Bakhtin define as relações dialógicas como constituindo um fenômeno "bem mais amplo que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente", afirmando-as como quase universais, uma vez que penetram toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância" (1997, p.42). Percebe-se que Bakhtin aponta para uma compreensão de polifonia não circunscrita a procedimentos formais que permitem a Dostoiévski criar uma nova composição de romances. Podemos entender esse conceito como um modo de encarar a relação eu-outro também no discurso não situado no âmbito literário. Compreendendo-se o discurso como um espaço de luta pelo significado, frente a qual o autor assume diferentes atitudes, a atitude polifônica é aquela em que as vozes que o compõem não são silenciadas, nem confundidas, mas preservam sua liberdade e independência.

Prosseguindo no exame do primeiro capítulo de PPD, encontramos o romance polifônico contrastado ao "tipo monológico" (1997, p.5), categoria em que Bakhtin coloca a criação artística que reduz as personagens a objeto da palavra do autor. Na leitura de Bezerra (2005, p.191), o estudo do pensador russo leva a que se conceba duas modalidades de romance: o monológico e o polifônico.

A argumentação do filósofo em torno desse contraste pode dar margem a que se entenda a polifonia numa conotação positiva. À categoria de polifônico associam-se os conceitos de realidade em formação e não-acabamento; à categoria de monológico, associam-se os conceitos de autoritarismo e acabamento (Bezerra, 2005).

Ainda segundo a mesma fonte, foi examinado que, nas passagens nas quais faz essa oposição, é nítido o destaque conferido por Bakhtin ao processo criativo dostoiévskiano, que faz ouvir as várias consciências imiscíveis, sem fechá-las na consciência do autor. O tom apaixonado com que ele se refere a essa peculiaridade do romance de Dostoiévski talvez seja responsável pelo desenvolvimento da ideia de que em não sendo polifônica, uma obra tem seu valor literário diminuído.

Tezza (2001, p. 182-183) considera um erro tratar a polifonia como ferramenta técnica utilizada "como uma régua avulsa na medida de alguma estrutura narrativa, num uso pragmático que não tem sentido para Bakhtin". Para ele, a polifonia bakhtiniana é uma "visão de mundo", "uma categoria que se postula no terreno da filosofia e da ética".

Se é assim, conceber *polifonia* somente como termo técnico adequado à análise literária representa uma visão redutora do conceito. Essa interpretação é corroborada por Faraco (2009, p.79), para quem a polifonia é "muito mais do que apenas uma 'simples metáfora' que permite dar visibilidade ao 'novo modelo artístico do mundo criado por Dostoiévski", como Bakhtin afirma em algumas passagens. Segundo o autor (2009, p.79), essa noção "pode ser vista também como a metáfora que recobre a sua [de Bakhtin] utopia e que ele viu materializada no projeto artístico de Dostoiévski – um mundo de vozes plenevalentes em relações dialógicas infindáveis".

Faraco assim justifica sua interpretação:

Vivendo num mundo pesadamente monológico, Bakhtin foi, portanto, muito além da filosofia das relações dialógicas criada por ele e por seu Círculo e se pôs a sonhar também com a possibilidade de um mundo polifônico, de um mundo radicalmente democrático, pluralista, de vozes equipolentes, em que, dizendo de modo simples, nenhum ser humano é reificado; nenhuma consciência é convertida em objeto de outra; nenhuma voz social se impõe como a última e definitiva palavra. (2009, p.79).

Até aqui, com base apenas no primeiro capítulo de PPD, encontramos múltiplas possibilidades de interpretação do escopo da polifonia em Bakhtin: novo gênero de romance inaugurado por Dostoiévski: categoria técnica, aplicável à produção literária, configurada por um novo modo de compor o enredo e a relação entre autor e herói; estratégia literária constituída por elementos característicos que podem ser encontrados, não de forma integral, em outras obras, além da de Dostoiévski; categoria analítica que pode ser estendida aos discursos de um modo geral; forma de pensamento: categoria filosófica, que leva o conceito a transcender o universo da literatura de Dostoiévski, indo na direção de uma visão de mundo.

Segundo Teixeira e Lopes (2010), essas visões são constitutivas da polifonia, que pode ser entendida como um tipo de estrutura de romance/texto/discurso, caracterizada pela posição especial do autor em relação às personagens/vozes a partir das quais se "mostra" uma percepção filosófica de mundo.

Encontra-se, frequentemente, uma outra utilização do termo polifonia para assinalar a multiplicidade de vozes em qualquer gênero do discurso, captadas a partir de marcas linguísticas que o locutor deixa na materialidade do texto. Ver assim a

polifonia é entendê-la como sinônimo de plurilinguismo/ plurivocalidade.

Finalmente, encontramos certa confusão também sobre as relações entre polifonia e dialogismo. E na discussão sobre Dostoiévski, publicada em 1929, pela primeira vez, se encontra uma discussão da temática do diálogo, tomada em sentido amplo, não redutível à noção de interação face a face.

Parece consensual entre intérpretes consagrados de Bakhtin que o dialogismo é um princípio unificador que permeia a obra bakhtiniana. Trata-se de noção complexa, não assimilável a "entendimento", "geração de consenso", "consonância", mas a multissonância e dissonância, cuja discussão transcende nossos objetivos neste artigo.

No entanto, cabe assinalar que, como princípio geral intrínseco de todo discurso, o dialogismo abarca diferentes noções formuladas pela teoria bakhtiniana, entre elas a de polifonia, já que a alteridade está no centro da definição desse conceito. Isso não autoriza a ver sinonímia entre ambas, pois não há na noção de dialogismo a necessidade de equivalência de vozes, típica da polifonia.

Muito se tem escrito, muito se tem falado sobre Bakhtin desde o aparecimento de sua obra no Ocidente. Sua terminologia está, se assim podemos dizer, "na moda", gerando centenas de ciclos de conferência, anais, monografias, dissertações, teses, ensaios, publicações especializadas, inúmeras delas ainda não traduzidas entre nós. Essa expressiva busca por Bakhtin tem um lado bom que é o reconhecimento da potência de suas teorizações para as ciências humanas. Mas é preciso considerar o risco de banalização de seus conceitos que pode resultar do uso indiscriminado que deles vêm sendo feito, fora do sistema de pensamento em que foram engendrados, como se servissem a todas as ciências e correntes de pensamento. E o que parece estar acontecendo com a polifonia, "categoria tão maltratada pelo mundo afora", no dizer de Faraco (2009, p.79).

A reflexão aqui feita mostra que quanto mais se lê a obra de Bakhtin mais se encontram possibilidades de leitura. Isso porque Bakhtin desenvolve um sistema de pensamento, mas não o enforma, isto é, não lhe dá um acabamento definitivo. Ele escreve de modo a criar uma necessidade de interpretação, tornando sua totalização não só difícil, mas até mesmo impossível. Além disso, Bakhtin é absolutamente dialógico. É como se ele pensasse em voz alta, num debate com os intelectuais de sua época. Desse modo, ele nos força a pensar com os outros, a descobrir um posicionamento num emaranhado de vozes discordantes.

Ao revisitar a noção de polifonia, o objetivo não é produzir interpretação

domesticadora, que silencie a inquietude das formulações de Bakhtin. Apenas queremos contribuir para dar visibilidade à força de seu legado, a partir de uma leitura radical desse conceito, tomando-o o mais diretamente possível no próprio texto do autor.

Estudar o conceito de polifonia nesta tese nos faz perceber que justamente nos documentos militares não há “vozes”, e sim uma única voz – a da autoridade de mando, uma relação de obediência por parte do subordinado que lê tal documentação sem possibilidade de duplicidade de interpretação ou execução de ordens. Como a polifonia é a presença de vozes independentes no discurso, percebe-se que as Ordens do Dia, não são polifônicas e, por extensão nenhum documento oficial das Forças Armadas o sejam. Isso será comprovado a partir das análises feitas neste trabalho mais à frente.

## **2.2. O Enunciado**

Falaremos agora da unidade de comunicação verbal imprescindível para a consecução dos nossos objetivos aqui propostos – o enunciado.

A linguagem só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dele. Faremos, aqui, a ligação entre os conceitos de “oração” e “enunciado”.

A oração representa um pensamento relativamente acabado, diretamente relacionado com outros pensamentos do mesmo locutor, dentro do todo do enunciado. Já a enunciação, de acordo com Volochínov (2017) é de natureza social. Reveste-se do ato concreto da fala. A oração, como unidade da língua, é de natureza gramatical e tem fronteiras, um acabamento, uma unidade que se prende à gramática. As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua.

A alternância dos sujeitos falantes que compõem o contexto do enunciado constitui uma particularidade do enunciado: seu acabamento. O acabamento do enunciado é determinado por três fatores: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento – os gêneros do discurso. E esses gêneros do discurso nos são dados simultaneamente ao aprendizado da língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhes estudemos a gramática.

A ideia que temos da forma do nosso enunciado, isto é, de um gênero preciso do discurso, dirige-nos em nosso processo discursivo. O intuito de nosso enunciado, em seu todo, pode não necessitar, para sua realização, senão de um enunciado, mas pode também necessitar de um grande número deles, e o gênero escolhido dita-nos o seu tipo com as suas articulações composicionais. Na seção 2, aprofundaremos o conceito de gêneros discursivo.

A relação valorativa (do locutor) com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo do enunciado se define, acima de tudo, por seus aspectos expressivos.

A oração e a palavra, enquanto unidades de análise da língua, não têm entonação expressiva. A entonação expressiva pertence ao enunciado. Repetimos: apenas o contato entre a significação linguística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no mundo – provoca o lampejo da expressividade.

Bakhtin diz que levando em consideração as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas e com graus diferentes de alteridade. Dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor.

Ter um destinatário é dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver enunciado. Em consonância com Machado (2005, p. 226), o posicionamento determina a enunciação, e é relativizada por ele, porque os aspectos em jogo no campo de visão nunca coincidem”.

Pela visão de Bakhtin, a textualidade se define pelo enunciado e pelos gêneros discursivos que o constituem. Assim, a noção de textualidade, que vemos esboçada na teoria bakhtiniana do enunciado, não se desvincula da noção de gêneros discursivos, pelo contrário, se os enunciados são o elo na cadeia de comunicação verbal, os gêneros certamente são as correias que mobilizam o fluxo das relações dialógicas (Machado, 2005, p. 238)

O enunciado representa a unidade concreta do discurso. Os enunciados se



definem pelos gêneros discursivos em uso na língua, nas mais variadas esferas da comunicação social distintas por Bakhtin (2016), em dois conjuntos: os gêneros primários e os gêneros secundários.

A expressão “enunciado concreto” provém do pensamento bakhtiniano e foi empregada em contraposição a teorias que consideravam a língua como abstrata ou mecânica, e nessa nova percepção/ construção de sentidos, inserida em uma perspectiva dialógica, a linguagem e o sujeito foram visibilizados com base na alteridade.

Os enunciados, materializados em forma de signos ideológicos (ver seção 2), refletem e refratam (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929]) as especificidades e os objetivos do campo discursivo ao qual são filiados. Podemos afirmar que o enunciado mobiliza a interação discursiva entre dois ou mais sujeitos, isto é, o enunciado tem sua gênese na comunicação quando o sujeito o profere ao outro, já vivido, e o profere, de forma valorativa, sob seu ponto de vista.

Portanto, para refletimos acerca do enunciado, é fundante apreendermos a sua orientação social, uma vez que, segundo Volóchinov (2017 [1929]), o evento social, concretizado em um ou mais enunciados, é o âmago da linguagem na interação discursiva. Nesse sentido, toda e qualquer situação comunicativa possui um auditório social situado que admite uma organização bem definida, uma orientação. Logo, os enunciados são frutos de produções ideológicas e, intrinsecamente, orientados pelo social, ou seja, o extraverbal. Essa concepção de sujeito instaura-se na circunscrição da natureza social e não individual da linguagem, em que a língua não é compreendida como objeto individual, mas sobretudo como o produto-processo de um contexto sócio histórico.

O enunciado estabelece uma relação direta com o contexto social de interação discursiva, com a realidade extraverbal dentro de um campo específico da atividade e da comunicação humana.

Para o mesmo autor, nessas condições, os enunciados concretos são constituídos de ideologias e valorações situadas, elencadas em função do propósito comunicativo do sujeito. Assim sendo, ao fazermos a seleção de uma palavra, em um contexto dialógico, temos uma apreciação valorativa, que, no discurso, a partir de reprodução discursivas, se propõe a estimular determinados efeitos de sentido no outro. A partir disso, é possível percebermos que o enunciado concreto expressa, primordialmente, um único ponto de vista, totalmente singular sobre o mundo, um ato responsável e responsivo, tanto do falante ao realizar a enunciação, quanto para o ouvinte

ao realizar a interação verbal. Em outras palavras, em conformidade com Volochínov (2017), não existe álibi na interação verbal, somos sempre convocados a responder ativamente, ou seja, não existe neutralidade no discurso. Nesse sentido, o filósofo russo elucida que:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gerar obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKTHIN, 2016, p. 25).

Em síntese, tendo por base a discussão apresentada, ancorados teoricamente nos estudos do Círculo, depreendemos que as principais características do enunciado são: ter contato direto com a realidade (situação extraverbal - interação), bem como estabelecer a relação com outros enunciados já existentes, constituir-se por elementos expressivos e axiológicos, convocar uma atitude responsiva por parte do outro e ser delimitado pela alternância dos sujeitos do por discurso.

### **2.3 Significação e Tema**

A problemática entre esses vocábulos é muito importante para o esclarecimento de diversos tópicos a serem abordados neste trabalho mais à frente. São considerados pré-requisitos de outros assuntos.

O tema é dado por fatores verbais e não verbais e, indiscutivelmente, é inseparável do ato da enunciação. Ele é o sentido completo, unitário do enunciado, não podendo ser decomposto e tem um caráter valorativo, requerendo uma compreensão ativa, uma relação de interação dialógica. Cada ato de enunciação tem um tema.

Diferentemente do tema, na significação podemos fragmentar elementos significativos, aparecendo intimamente ligada ao código linguístico. A significação está para o signo linguístico assim como o tema está para o signo ideológico. O signo ainda pode ser caracterizado pela sua pluricidade, por sua indeterminação semântica, por sua fluidez expressiva e sua adaptação a situações sempre e diferentes (VOLOCHÍNOV, 2017).

O problema da significação é, sem dúvida, um dos mais complexos da

Linguística. Segundo Volochínov (2017, p. 227), uma significação única e determinada, isto é, um sentido único pertence a qualquer enunciado como uma totalidade. O sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu tema. O tema deve ser único, caso contrário não teremos nenhum fundamento para falar sobre um enunciado. Em sua essência, o tema deste é individual e irrepetível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado.

Obviamente essa designação é convencional. Aqui o tema abarca até mesmo sua realização, por isso não se deve confundir nosso conceito com o tema na obra literária. O conceito mais próximo dele é o de "unidade temática".

O tema, segundo a mesma fonte, é definido não somente pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação mas também pelos aspectos extraverbais da situação. Sem esses aspectos situacionais, o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido de suas palavras mais importantes. O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence.

Assim, Volochínov (2017, p. 229) ilustra o conceito de tema:

*O tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição à formação da existência. A significação é um artefato técnico de realização do tema. Evidentemente, é impossível traçar um limite absoluto e mecânico entre o tema e a significação. Não há tema sem significação, como não há significação sem tema. Mais do que isso, não é possível nem mostrar a significação de alguma palavra isolada (por exemplo, no processo de ensino de uma língua estrangeira a outra pessoa) sem torná-la um elemento do tema, isto é, sem construir um enunciado - "exemplo". Por outro lado, o tema deve apoiar-se em alguma significação estável, caso contrário ele perderá a sua conexão com aquilo que veio antes que veio depois, ou seja, perderá totalmente o seu sentido.*

Uma vez que o tema pertence somente à totalidade do enunciado, uma palavra isolada só adquire um tema na medida em que figurar na qualidade de um enunciado completo. O mais correto seria formular a relação entre o tema e a significação do seguinte modo. O tema é o limite superior, real, do significar linguístico; em essência, apenas o tema designa algo determinado. A significação é o limite inferior do Significar linguístico. Na realidade, a significação nada significa, mas possui apenas uma potência, uma possibilidade de significação dentro de um tema concreto. O estudo da significação de um elemento linguístico, de acordo com a definição dada por nós, pode se desenvolver

em duas direções: em direção ao limite superior, ao tema - porém, nesse caso teremos o estudo da significação contextual da palavra nas condições de um enunciado concreto; ou ele pode tender ao limite inferior, ao limite da significação. Neste caso, será o estudo da significação da palavra no sistema da língua, ou, em outros termos, da palavra dicionarizada.

Para se formar a verdadeira ciência sobre as significações é importante compreendermos a correta compreensão das relações entre tema e significação, bem como a diferença entre esses termos. Convém abordarmos a tese de que toda compreensão é dialógica.

A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo. A compreensão busca uma *antipalavra* à palavra do falante. Apenas a compreensão de uma palavra de uma palavra estrangeira busca “exatamente a mesma” palavra em sua língua.

Por isso não se pode afirmar que a significação pertence à palavra como tal. Em sua essência, ela pertence à palavra localizada entre os falantes, ou seja, ela se realiza apenas no processo de uma compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra, nem na alma do falante, nem na alma do ouvinte.

Assim nos diz Volochínov (2017, p.58):

*A significação é um efeito da interação entre o falante e o ouvinte no material de um lado conjunto sonoro. É uma faísca elétrica surgida apenas durante o contato de dois polos opostos. Quem ignora o tema, acessível apenas a uma compreensão ativa e responsiva, e tenta, na definição da significação da palavra, aproximar-se ao seu limite inferior, estável e idêntico, na verdade quer acender uma lâmpada desligando-a da corrente elétrica. Apenas a corrente da comunicação discursiva atribui à palavra a luz da sua significação.*

Um outro problema importante que merece atenção no presente estudo no tocante à ciência das significações é o problema da inter-relação entre avaliação e significação. Qualquer que seja a palavra realmente dita não possuirá somente um tema e uma significação no sentido objetivo, contedístico dessas palavras, mas também uma avaliação, pois todos os conteúdos objetivos existem na fala viva, são ditos ou escritos em relação a certa ênfase valorativa. Sem uma ênfase valorativa não há palavra. O que então seria a ênfase e qual seria a sua relação como aspecto objetivo da significação? A camada mais evidente, mas ao mesmo tempo mais superficial, da avaliação social

contida na palavra é transmitida com a ajuda da entonação expressiva. Na maioria dos casos a entonação é definida pela situação mais próxima, e muitas vezes pelas suas circunstâncias efêmeras. No entanto, a entonação pode ser mais essencial.

#### **2.4 Signo Ideológico e o Estudo da Reflexão e Refração**

Conforme preconiza Bakhtin e seu Círculo, o signo nasce e se desenvolve, considerando os fluxos sociais, culturais, históricos. O signo só pode ser pensado socialmente, contextualmente, deste modo, cria-se uma relação estreita entre a formação da consciência dos sujeitos e o universo dos signos. Só podemos pensar a formação da consciência a partir desse prisma derivado do embate entre os signos.

A respeito dos termos linguagem e fala, esses dois tópicos nos remetem a uma ideia de “interação verbal”, assunto minuciosamente estudado por Bakhtin em sua obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, e que muito tem a ver com o objeto do estudo aqui proposto. Afinal, pensamento, fala, linguagem, signo e psicologia são assuntos que em um determinado ponto comum se cruzam, no que diz respeito ao diálogo e à comunicação.

A fala está indissoluvelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez estão sempre ligadas às estruturas sociais. Todo signo é ideológico, a ideologia é um reflexo das estruturas sociais, assim toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. De acordo com Faraco (2003) a palavra ideologia remete a um universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética e a política.

Volochínov (2017) define a língua como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito dessa luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e material. Ele critica a filosofia idealista e a visão psicologista da cultura por situarem a ideologia na consciência, pois para ele “a consciência só se torna consciência quando se impregna conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo da interação verbal (BAKHTIN, 2016, p. 34).

A lógica da língua não é absolutamente a da repetição de formas identificadas a uma norma, mas sim uma renovação constante, a individualização das formas em enunciações estilisticamente únicas e não reiteráveis. A vertente objetivista, que tem Saussure como um dos principais representantes, já vê a língua como um sistema estável, imutável, submetido a uma norma. Assim sendo, conclui-se que entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo

artístico.

Segundo Acosta-Pereira e Rodrigues (2014, p.179), a *ideologia* para o Círculo de Bakhtin é "[...] a expressão de uma tomada de posição". O sujeito nunca será indiferente ao objeto de apreciação, mas sempre se posicionará em relação a ele, seja com apreciação, depreciação, elogio, crítica, ironia, dentre outras possibilidades.

Mesmo quando o indivíduo silencia diante de algo, sua posição já está determinada; mesmo quando parece intocado pelo acontecimento, este germina em sua consciência e determina outras ações no decorrer da história, em suma, a "tomada de posição" é vital ao próprio ser humano e, portanto, à linguagem. Dessa forma, "os enunciados, que materializam os discursos, apresentam sempre uma dimensão avaliativa e expressam um posicionamento social [...]" (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 179). Assim:

[...] a valoração é indissociável do discurso, da sua constitutividade histórica, ideológica e cultural. Com isso, percebemos que a valoração não apenas é compreendida e considerada sob a perspectiva da situação imediata das práticas discursivas, como pelas conjecturas sócio-histórico-culturais constitutivas desse contexto (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 192).

De acordo com Volochínov (2017 [1929]). "[...] não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa" (p. 208), já que "sem uma ênfase valorativa não há palavra" (p. 233) e, conseqüentemente, "Não existe enunciado sem avaliação. Por isso, em um caso, enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia" (p. 236). Isso esclarece que a linguagem não se basta por uma estrutura objetiva, de significação sistêmica das palavras, mas envolve a questão valorativa.

Ainda se faz necessário explorar um pouco mais, em face de sua importância para esta tese, entre tantos outros conceitos trabalhados nesta pesquisa, o tema "Ideologia", tão defendido por Volochínov (2017), e que se encontra presente de forma significativa em diversos estudos. Por ideologia, entendemos o conjunto dos reflexos de um pensamento e das interpretações da realidade social e natural que têm lugar no cérebro do homem, e se expressa por meio de palavras ou outras formas sócio-culturais. Sob o olhar da teoria marxista, a ideologia era abordada como forma mecanicista – estabelecia-se um vínculo direto entre fatos nas estruturas sociais econômicas e suas conseqüências nas superestruturas ideológicas (ideologia vista como "falsa

consciência”, a qual impede a percepção da realidade). Por muito tempo, muitos estudiosos marxistas assumiram a ideologia como um fenômeno da consciência subjetiva – em suma, pensa-se e age-se fruto do social. Realmente, a ideia da ideologia nos remete à de coletividade, aquilo que se abstrai do todo, e o conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin chama de universo dos signos.

Com relação às mudanças sociais, Bakhtin afirma que elas repercutem diretamente no desenvolvimento da língua – os acentos apreciativos, as entonações. Em suma, o meio social envolve o indivíduo como um todo – afirma-se, assim, que o sujeito age em meio a forças sociais. Observa-se que a ideologia do cotidiano, fruto das interações sociais, vai pouco a pouco sendo incorporada às instituições ideológicas, entre elas: religião, ciência, imprensa e literatura. Segundo Volochínov (2017), a ideologia do cotidiano, que nasce das interações sociais sem padrão fixo, infiltra-se, progressivamente, nas instituições ideológicas (imprensa, literatura, ciência, leis, religião), renovando-as ao mesmo tempo que é renovada por elas. O meio social engloba, então, totalmente o indivíduo.

Pode-se, desta forma, dizer que a ideologia, sob a ótica bakhtiniana, é caracterizada como a expressão, organização e a regulação das relações histórico- materiais dos homens, em que a linguagem constitui o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. Ainda Bakhtin (2006) e seu Círculo propõem discutir ideologia no conjunto de outras discussões filosóficas, como a questão da constituição dos signos e a questão da subjetividade. Na percepção bakhtiniana, a ideologia oficial (dominante, relativamente estável) deve ser vista em relação dialética com a ideologia de cotidiano (relativamente instável); e ambas formando um contexto ideológico único. Mudanças sociais repercutem imediatamente na língua; os sujeitos interagentes inscrevem nas palavras, nos acentos apreciativos, nas entonações, na escala dos índices de valores, nos comportamentos ético-sociais, as mudanças sociais. O signo verbal não pode ter um único sentido, mas possui acentos ideológicos que seguem tendências diferentes.

Assim nos diz (Volochínov, 2017, p. 91) a respeito do conceito de “ideologia”:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social- seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo –mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia. Pode-se dizer que um corpo físico equivale a si próprio: ele não significa nada e coincide

inteiramente com a sua realidade única e natural. Nesse caso, não temos como falar de ideologia.

Para o autor, ainda, os signos se constituem de objetos únicos e materiais, não são somente uma parte da realidade, mas também refletem e retratam uma outra realidade, sendo por isso mesmo capazes de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguados. O autor nos diz que onde houver signo, haverá também ideologia e que tudo aquilo que for ideológico possuirá uma significação sgnica. No interior do próprio campo dos signos, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças, pois fazem parte dela a imagem artística, o símbolo religioso, a fórmula científica, a norma jurídica e assim por diante. Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. Entretanto, *o caráter sgnico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos.*

Independentemente do signo ideológico, ele não só é um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa realidade. Qualquer fenômeno ideológico sgnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante. O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa. É bem verdade que o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais. A própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social.

Volochínov (2017, p. 96) ainda sobre o assunto, esclarece que um signo só pode surgir em um *território interindividual*, que não remeta à "natureza" no sentido literal dessa palavra. O signo tampouco surge entre dois *Homo sapiens*. É necessário que esses dois indivíduos sejam *socialmente organizados*, ou seja, componham uma coletividade - apenas nesse caso um meio sgnico pode formar-se entre eles. A consciência individual não só é incapaz de explicar algo nesse caso, mas, ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico. *A consciência individual é um fato social e ideológico.*



Sobre o estudo dos signos, ainda, cabe-nos ressaltar que nenhum signo cultural permanece isolado se for compreendido e ponderado, pois ele passa a fazer parte da *unidade da consciência verbalmente formalizada*. A consciência sempre saberá encontrar alguma aproximação verbal com o signo cultural. Por isso, em torno de todo signo ideológico se formam como que círculos crescentes de respostas e ressonâncias verbais. Qualquer *refração ideológica da existência em formação*, em qualquer material significante que seja, é acompanhada pela refração ideológica na palavra: fenômeno obrigatório concomitante. A palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação.

Segundo Volochínov (2018), o termo refração diz respeito aos diferentes modos de semantização do mundo, gerados pelas práxis dos grupos humanos. Pode-se entender refração como a interpretação do mundo que se produz no ato de enunciação a partir das valorações atribuídas pelos grupos humanos ao conjunto de suas experiências históricas. A refração é uma condição necessária do signo na concepção de Bakhtin. As significações não estão dadas no signo em si, nem são asseguradas por formas linguísticas abstratas, tomadas fora da enunciação, nem ocorrem por uma relação transparente entre linguagem e mundo. Para Bakhtin, a constituição do sentido realiza-se por duas operações simultâneas dos signos: a de reflexo e a de refração do mundo, ou seja, com os signos não só se descreve o mundo, mas também se constroem diversas interpretações (refrações) desse mundo. A semiose humana é, então, uma realidade aberta e infinita. Assim, a discussão sobre a significação na linguagem, em Bakhtin, não se faz com base numa semântica única e universal, mas leva em conta o ato concreto da enunciação.

Esse processo de inserção da realidade na ideologia, da geração do tema e da forma, segundo Volochínov (2018), pode ser mais bem observado no material da palavra. O processo de formação ideológica na língua refletiu-se tanto em larga escala na história mundial - ou seja, nas significações linguísticas estudadas pela paleontologia, que revela a inserção das partes ainda não diferenciadas da realidade no horizonte social dos homens primitivos - quanto em uma escala menor, que cabe nos limites da modernidade, pois a palavra como a conhecemos reflete sensivelmente as mudanças mais sutis da existência social.

A classe não coincide com a coletividade sîgnica, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunicação ideológica. Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, *em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas*. O signo transforma-se no palco da luta de classes.

A doutrina da refração de Bakhtin nos fala, portanto, que há duas operações simultâneas nos signos: a reflexão e a refração do mundo pelos signos. É através dos signos que nós humanos, teremos a capacidade de identificar uma realidade que lhes é externa, que seria a materialidade do mundo, e isso é sempre feito de modo refratado (VOLÓCHINOV, 2017).

Assim, os textos do Círculo nos trazem a seguinte conclusão: o processo de transmutação do mundo em matéria significativa se dá sempre atravessado pela refração dos quadros axiológicos. Não há uma palavra que seja a primeira ou a última e não há limites para o contexto dialógico (ele se estira para um passado e para um futuro ilimitados). Mesmo os sentidos passados, isto é, aqueles que nasceram no diálogo dos séculos passados, não podem nunca ser estabilizados (finalizados, encerrados de uma vez por todas) – eles sempre se modificarão (serão renovados) no desenrolar subsequente e futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo, existem quantidades imensas, ilimitadas de sentidos contextuais esquecidos, mas em determinados momentos do desenrolar posterior do diálogo, eles serão lembrados e receberão vigor numa forma renovada (num contexto novo). O papel imprescindível da palavra como um meio da consciência resulta na fato de a palavra trazer consigo toda a criação de caráter ideológico como seu principal componente.

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Cabe aqui serem abordados dois tópicos da teoria Bakhtiana que são de extrema importância – de força centrípeta e centrífuga da língua.

Esses conceitos serão aplicado por Volochínov (2018) às forças da língua: as forças centrípetas atuam com vistas a normatizar, unificar e tornar homogênea a língua, ao passo que as forças centrífugas atuam no sentido de estratificar e tornar heterogênea a língua.

Assim, a força centrípeta tem a intenção de monologizar os discursos que trafegam nas vias sociais, que existem em oposição à força centrífuga, com sentido multifacetado em um plurilinguismo ressoando em constantes transformações, não estando esta relacionada no estudo dos documentos militares em tela neste trabalho. Isso porque na esfera militar, a orientação do discurso é única, converge para uma mesma direção, ainda que a compreensão ativa (conceito largamente abordado neste trabalho) dos interlocutores seja, em alguns momentos, outra.

Para Volochínov (2017), ainda, o que ouvimos ou proferimos não são palavras. São verdades ou mentiras, coisas positivas ou negativas, de suma importância ou triviais, etc. O certo é que a palavra vem acompanhada de um conteúdo ou sentido de caráter ideológico ou, até mesmo, vivencial.

Por fim, cabe-nos ressaltar que a ciência das ideologias de modo algum depende da psicologia e tampouco se baseia nela. Volochínov (2017) nos diz que, pelo contrário, *a psicologia objetiva que deve se basear na ciência das ideologias*. A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sígnica, determinadas diretamente por todo o conjunto de leis socioeconômicas. A realidade ideológica é uma superestruturacolocada diretamente sobre a base econômica. A consciência individual não é a arquiteta da superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos.

## 2.5 Entonação / Valoração

A entonação, segundo o Círculo de Bakhtin reúne as alterações no comportamento físico da voz durante a fala ou tom entendido como padrão de altura da voz (graves, agudos, timbre, qualidade) ou a prosódia como variações de altura, volume, ritmo e tempo (velocidade de emissão), mas não se funda nessa dimensão psicobiofisiológica, nem se restringe a ela, nem tampouco a toma com objeto de estudo exclusivo.

Para o Círculo, outros são os atributos da entonação a seguir elencados, os quais merecem destaque: a) a mais pura manifestação da avaliação e do julgamento de valor; (b) chão comum entre o discurso na vida e o discurso na arte; (c) social por excelência; (d) estabelece conexões entre o discurso verbal e o contexto extraverbal; (e) elemento do todo que envolve também os eventos da vida e o discurso verbal formando uma unidade indissolúvel; (f) determinada pelas avaliações e julgamentos, tanto quanto à seleção como à combinação de nossas palavras; (g) como um atributo mais amplo, é responsável pela seleção dos vocábulos (menos dos dicionários e mais das falas dos outros como decorrência de posicionamentos avaliativos e valorativos) bem como pela combinação (sintaxe) entre eles.

Para iniciarmos, nesta fase, a abordagem sobre o tópico “valor” faz-se mister trazermos à luz neste trabalho a relação entre os termos “valor” e “linguagem”. Para elucidar tal proposta de abordagem, citaremos Faraco (2003, p. 46), que nos diz:

“algumas vezes, o adjetivo ideológico aparece como equivalente a axiológico”, explicando que “para o Círculo, a significação dos enunciados tem uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo”.

A valoração constitui a realidade fundamental do contexto extraverbal, e de que forma os implícitos se tornam realidade enunciativa explícita nas formas verbais: principalmente, pela entonação, igualmente expressiva valorativamente nas manifestações oral e escritas, essa última por meio do que se denominou imagem acústico-valorativa.

É necessário retomarmos a noção de extraverbal, a fim de podermos estudar os conceitos de valoração e entonação. Extraverbal é aquilo a) conjuntamente visto; b) conjuntamente sabido; c) conjuntamente avaliado. Para que uma enunciação seja efetiva, suscite resposta, os falantes precisam vislumbrar o mesmo objeto da referência. Da mesma forma, ambos os falantes necessitam conhecer (ou buscar conhecer), ao menos superficialmente, esse objeto; e, por fim, precisa haver uma avaliação de ambas as partes. Se houver apenas um olhar, um conhecimento, uma avaliação, não há diálogo, não há interlocução. Até mesmo se uma pessoa dialoga consigo mesma, ela carrega na consciência a imagem social da concordância, danegação, do conflito. (VOLOCHÍNOV, 2017).

Faraco (2006) nos fala ainda:

Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico para eles, não existe enunciado não ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica) (FARACO, 2006a, p. 46).

Para finalizarmos esta seção, vale inferirmos que o valor é simplesmente indispensável na medida em que sem ele, independentemente de qual terminologia seja empregada, repetimos, sem ele não há relação dialógica. Essa relação dialógica é da natureza da linguagem, está na origem – ela ocorre *a posteriori* da enunciação, conforme já foi estudado.

Volochínov (2017 p. 81) destaca que “[...] é na entonação que a valoração encontra sua expressão mais pura. A entonação estabelece um vínculo estreito entre a

palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais". O autor acrescenta que "mediante a entonação, a palavra se relaciona diretamente com a vida" (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 82).

No entanto, essa palavra, ou seja, os discursos e as valorações que estão no domínio do extraverbal, não encontram um "reflexo" na vida, como se a entonação tivesse a função de um espelho; pelo contrário, há, nesse caso, um "resumo valorativo", uma refração que molda as situações (VOLOCHÍNOV, 2017).

Nos termos de Volochínov, "a entonação é o condutor mais dúctil, mais sensível, das relações sociais existentes entre os falantes de uma dada situação. [...] a entonação é a expressão sonora da valoração social" (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 174-175), portanto, da "tomada de posição" (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 179). Mendes-Polato, Beloti e Menegassi (2018) estacam que "a entonação própria dada a partir da apreensão social é condição para que o ser se refrate próprio e posicionado por meio da palavra discurso", pois "a palavra só será própria quando povoada de intenção, acento, quando dominada por meio do discurso na sua na sua orientação semântica e expressiva em direção social" (MENDES-POLATO; BELOTI; MENEGASSI, 2018, p. 593). Assim, as relações sociais são estabelecidas pela entonação, pois conferem ao sujeito a responsabilidade autoral, inerente à valoração, à posição tomada.

Portanto, a definição mais clara de entonação pelo Círculo diz respeito ao som, tratando-a como uma "[...] expressão sonora da valoração social" (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 175).

Para que possamos estudar um gênero discursivo, é importante que a esfera de comunicação em que ele atua seja definida. Assim sendo, seremos capazes de observar como os enunciados representativos do gênero são determinados pelas características de sua esfera discursiva.

As esferas discursivas, por meio de suas coerções, determinam o conteúdo temático de um gênero ao delimitar, segundo a teoria Bakhtiniana, o seu campo de atuação na sociedade. Em cada uma das esferas da comunicação, são utilizados gêneros que correspondem às necessidades específicas dessa esfera. Um e-mail, um chat, a webconferência, o currículo, o relatório, ou, até mesmo, uma ata de reunião são gêneros da esfera ou domínio digital, por exemplo, e, assim, há ainda gêneros próprios das esferas

escolar, publicitária, jurídica entre outras.

Segundo Bakhtin (2011), as diversas esferas da comunicação estão submetidas aos usos da linguagem que se realizam por meio de enunciados concretos.

Ainda para Bakhtin (2011, p.35), temos que: “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, os quais denominaremos gêneros do discurso”.

Fiorin (2006, p. 64), ao comentar essa definição de gênero apresentada por Bakhtin "tipos relativamente estáveis de enunciado" enfatiza o advérbio “relativamente”, mostrando que essa relatividade deve-se às transformações que o gênero sofre em sua historicidade e também à própria variação de suas características no enunciado concreto. Vemos, então, que o estudo de um gênero discursivo deve considerar a natureza particular do enunciado, concebido dentro de sua esfera de atividade comunicacional.

Uma determinada esfera de comunicação, definida como um conjunto de relações entre enunciados, parte do princípio de que esses enunciados constituem-se por um processo dialógico. Apesar de o gênero de discurso possuir uma forma composicional própria suscetível a mudanças e transformações, sejam elas de um enunciado para outro, ou no decorrer do tempo - ele não pode ser compreendido simplesmente como um tipo de composição. Machado (2005, p. 158), comenta que o gênero do discurso é um dispositivo que organiza, divulga, armazena, transmite e, principalmente, cria enunciados em uma determinada esfera da comunicação.

No processo dialógico de constituição das esferas discursivas, o gênero manifesta-se como memória criativa. Assim, ele carrega a responsabilidade de atualizar as tradições genéricas, sempre mantendo as heranças de enunciados anteriores, mas renovando-se no contexto da comunicação social.

Os gêneros discursivos, visto por um determinado ângulo, constituem-se como verdadeiras realizações das interações produzidas na esfera da comunicação verbal e, por outro, como resultado da expansão para outras esferas, graças à dinâmica dialógica dos códigos culturais.

Para Bakhtin (2011, p.47),:“a experiência discursiva toma-se desenvolve-se pela

interação entre enunciados em um processo de assimilação do "outro". Todo enunciado é pleno de palavras de outros em graus diversos de alteridade, de assimilidade, de aperceptibilidade e de relevância. Esse "outro empresta ao enunciado o seu tom valorativo que é assimilado e reelaborado. Assim, a expressão de um enunciado será sempre reflexo da expressão alheia.”

Um enunciado nunca é indiferente aos outros, no momento em que não se basta. Assim sendo, os enunciados de uma esfera discursiva repercutem-se, podendo dialogar, inclusive, com os de outras esferas. Esse fato determina-lhes um caráter de resposta aos enunciados precedentes, e de modelo aos subsequentes, como se estivessem constantemente dialogando. Um enunciado assume diversos posicionamentos responsivos com relação a outros, podendo confirmá-los, completá-los, rejeitá-los etc.

Para Bakhtin (2011) “todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo.” Então, tomando-se o enunciado como um “produto dialógico”, poderemos compreender de que modo os gêneros discursivos se constituem nas suas esferas de atuação.

É bem verdade que cada esfera da comunicação social constrói os seus gêneros levando-se em consideração as suas finalidades, portanto os gêneros determinam o enunciado que reflete as condições de sua esfera discursiva. Em cada uma das esferas de comunicação, são utilizados gêneros que correspondem às necessidades específicas dessa esfera.

Cabe então concluir que segundo Bakhtin (2011, pg 301) “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero.”

Com base nisso, é possível compreender que um gênero deve ser observado levando-se em conta as especificidades de sua esfera de atuação, pois ele reflete a maneira subjetiva de ver e entender o mundo dessa esfera discursiva.

## **2.6 Gêneros do Discurso**

### **2.6.1 O Discurso, o Gênero Discursivo e os seus elementos constitutivos**

Na presente seção estudaremos o sentido do termo “discurso”, bem como a sua tipologia, fazendo uma associação à linguagem – assunto de primordial importância em nosso trabalho, além de abordar de forma objetiva um tópico extremamente importante para o fechamento completo e eficaz dessa pesquisa – o Gênero Discursivo e seus

elementos constitutivos: a estrutura composicional, o tema e o estilo. Com este conhecimento, seremos capazes de fazer uma ligação com os conceitos já estudados e o assunto proposto para o estudo neste trabalho anteriormente.

Do latim *discursu(m)*, diz-se a ação de correr por uma ou para várias partes. Segundo Moisés (2001) o vocábulo “discurso” ostenta, segundo o contexto em que se inscreve, polivalência de sentido. No plano da Oratória, designa a elocução pública que comove e persuade. Pode ainda assumir a denotação de “tratado”, “dissertação”, ou equivalentes. Ainda, segundo o mesmo autor, na poética francesa, o discurso (*discours*) constitui um poema didático, em versos alexandrinos rimados doisa dois (aa, bb, cc, etc.).

Finalmente, além de corresponder ao “diálogo”, ou seja, a transcrição das trocas verbais entre duas ou mais personagens ou pessoas, o termo “discurso” também percorre a área dos estudos filosóficos, no sentido de “operação intelectual que se efetua por uma sequência de operações elementares parciais sucessivas”, ou “expressão e desenvolvimento do pensamento por uma série de vocabulários ou proposições em cadeia” (LALANDE, 1951). O adjetivo “discursivo”, oposto a “intuitivo” e vinculado à ideia de raciocínio, alude à operação de pensamento que envolve operações intermediárias encadeadas.

Na esfera dos estudos linguísticos, entende-se por “discurso”, primeiramente, o que Saussure chama de parole, ou seja, “um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2) o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (SAUSSURE, 2008, p.22).

Segundo Ponzio (2008), conforme já visto, todo o discurso reproduzido, o discurso citado, em suas diferentes formas, não representa somente um tipo especial de discurso, mas também está constantemente presente no sentido de que todo o discurso é um discurso reproduzido que recorre ao discurso alheio. É importante salientar que Ponzio segue a linha de estudos de Bakhtin.

Evidentemente as palavras que usamos não estão capturadas no vocabulário: provêm do discurso alheio e não são palavras isoladas, mas sim peças que formam parte de enunciações completas, de textos. Não são palavras neutras, vazias de valorações, mas já alheias e com uma determinada direção ideológica, ou seja, expressam um projeto concreto, um determinado nexos com a praxis.



Com base em Volochínov (2018), cada esfera da vida social “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. São os gêneros do discurso. Os gêneros são formas de ação social, práticas discursivas históricas, vinculadas à vida cultural. Os gêneros discursivos são maneiras de organizar enunciados de acordo com a finalidade da interação discursiva, com o papel dos interlocutores e com as características da situação.

Os gêneros são representados por enunciados concretos de nossa vida cotidiana, deferidos por suas características sócio-comunicativas, além de características temáticas, composicionais e estilísticas. Nesta tese, abordaremos os gêneros discursivos militares Ordem do dia. Segundo a teoria do Círculo, temos dois conjuntos de gêneros: o primário e o secundário. Os gêneros primários correspondem a um espectro diversificado da atividade linguística humana relacionada com os discursos da oralidade em seus mais variados níveis (do diálogo cotidiano ao discurso filosófico ou sociopolítico). Os gêneros secundários (da literatura, da ciência, da filosofia, da política), embora elaborados pela comunicação cultural mais complexa, principalmente escrita, correspondem a uma interface dos gêneros primários.

Segundo Bakhtin (2011, p.261):

Todos os diversos campos da atividade humana estão relacionados ao uso da linguagem. É possível compreendermos que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional- estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Percebe-se que, para o mesmo autor (2011), a riqueza e a diversidade dos

gêneros discursivos são muitas, uma vez que existem muitas possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada área dessa atividade é integral o repertório de gêneros discursivos, que aumenta e se distingue à medida que se desenvolve mais complexo um determinado campo. Convém destacar, em particular, a extrema heterogeneidade dos gêneros dos discursos (orais e escritos), nos quais devemos incluir as infinitas e breves réplicas do dia a dia, os relatos cotidianos, o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório imensamente variado (uniformizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o vário universo das manifestações publicistas (incluem-se aqui as sociais e políticas).

Para Bakhtin (2011), o estudo da natureza do enunciado e das mais diferentes formas de gênero desses enunciados, têm uma grande responsabilidade para diversos campos da linguística e da filosofia, já que todo e qualquer ofício investigativo de um determinado material linguístico concreto opera com enunciados concretos (escritos e orais, seja de gramática normativa, história da língua, entre outros) que estão ligados a diferentes áreas da atividade humana. Para ele, qualquer corrente especial de estudo faz-se obrigatória uma noção acurada da natureza do enunciado em geral e das especificidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), quais sejam, dos diversos gêneros discursivos. O não conhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as especificidades das diversidades de gênero discursivo em qualquer que seja a área da investigação linguística resultam em formalismo e em uma abstração demasiada, deformando a historicidade da investigação, enfraquecendo as relações da língua com a vida. Desta forma, a língua passa a fazer parte da vida por meio de enunciados concretos que realizam – é por meio, portanto, de enunciações concretas que a vida entra na língua.

Ao abordarmos o tópico “estilística”, que exige para uma relação como assunto em pauta, por serem conceitos interligados, é indispensável citarmos que todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva), embora seja de caráter social, é também individual e, por isso, pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve) isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. Os gêneros mais favoráveis são da literatura de ficção: aqui o estilo individual integra diretamente o próprio edifício do enunciado, é um de seus objetivos principais (contudo, no âmbito da literatura de ficção os diferentes gêneros são

diferentes possibilidades para a expressão da individualidade da linguagem através de diferentes aspectos da individualidade). Ainda, para Bakhtin (2011), em distintos gêneros, aspectos e camadas de uma personalidade individual podem ser revelados, podemos encontrar o estilo individual em diferentes formas de relação recíprocas com a língua nacional. É possível perceber, até mesmo, o problema do enunciado – a questão da língua nacional na linguagem individual. Sabemos que no enunciado que a língua nacional se materializa na forma individual. Aí se entende o porquê da definição de estilo (em geral) e de estilo individual (em particular) exigir um estudo mais metódico e não superficial, tanto da diversidade de gêneros discursivos como da natureza do enunciado.

Segundo a teoria Bakhtiniana, os três elementos que compõem o gênero são *conteúdo temático* (tema), *estrutura composicional* (composição) e *estilo*. A composição tem a ver com a estrutura própria de cada gênero, distribuição das informações, diagramação etc. Koch (1987) exemplifica: estrofes e rimas para poesia; balões e enunciados curtos para quadrinhos, tiras, etc. Consoante Costa Val (2003), os gêneros estabelecem padrões de estrutura composicional, isto é, modos típicos de organização do texto quanto a que partes o compõem e como elas se distribuem.

Já o tema diz respeito à organização do conteúdo temático a ser tratado, ou como afirma Grillo (2006), a maneira de construir os fatos da natureza e dos campos da ideologia. Não é o assunto, mas a maneira como é encarado. O tema do gênero se define pelo modo de ver e construir os fatos da natureza e dos campos ideológicos. Nos gêneros da divulgação científica, no campo da informação midiática, o tema é composto pela seleção de fatos científicos da área da saúde mais especificamente – em razão do leitor previsto -, pela profundidade de abordagem e pela avaliação social. O tema é definido como: individual, não-reiterável, determinado tanto pelas formas linguísticas como pelos elementos não verbais da situação, fenômeno histórico e dotado de acento de valor apreciativo (sendo a entonação sua expressão mais óbvia).

O tema é um aspecto constitutivo do enunciado e de seus tipos estáveis, os gêneros discursivos. Nestes, ele adquire um caráter estável composto por regularidades produzidas: pelo campo da comunicação discursiva, pelo todo do enunciado – aí incluída a situação de interação verbal – pela seleção e profundidade de abordagens dos aspectos do real e pela avaliação social.

O estilo refere-se ao modo como o tema será tratado, ou seja, as marcas de formalidade, expressividade e valoração (avaliação) do autor do texto. Segundo Brait (2005) o estilo será definido como a escolha que todo texto deve operar entre um certo

número de disponibilidades contidas na língua. O estilo assim compreendido é equivalente aos registros de língua, aos seus subcódigos, é a que se referem expressões como “estilo figurado”, “discurso emotivo”, etc.

Para Brait (2017), em *O Conceito de Estilo em Bakhtin: dimensão teórica e prática*, a questão do estilo vai deixar de ser pensada a partir de uma produção tomada na sua individualidade, na sua autonomia, enquanto idiosincrasia de um enunciador, para ser tratada a partir de aspectos que, um pouco mais tarde, o pensamento bakhtiniano vai trabalhar em detalhes, é a linguagem pensada como atividade, dentro de atividades específicas, o que vai motivar a inclusão do conceito de esfera de produção, e, conseqüentemente, a de circulação e recepção e, ainda, a relação entre enunciação e interação, gênero e uso, temas, forma composicional e estilo.

Os três elementos aparecem no gênero conforme a esfera de atuação. Ou seja, os gêneros não se definem por sua forma, mas por sua função ou propósito comunicativo. No caso particular da instituição Exército Brasileiro, os gêneros discursivos militares nas diversas situações com suas características próprias, seria, para nós, o “conteúdo” do nosso trabalho. O “tema” está ligado à avaliação ideológica do conteúdo tratado nos documentos gerados pela instituição e o “estilo” é a forma e as normas que esses documentos seguem dentro do padrão militar de confecção, seguindo manuais e regulamentos já descritos.

É impossível comunicar-se verbalmente a não ser por meio de um gênero discursivo. Para Bazerman (2008), a coleção de texto produzida por um indivíduo corresponde ao que se denomina conjunto de gêneros. Esse conjunto corresponde aos gêneros utilizados por um agente para exercer seu papel no grupo social a que pertence.

A identificação de um conjunto de gêneros possibilita catalogarem-se as atividades típicas de um profissional, as quais são necessárias para a realização do trabalho com competência. É possível enumerarem-se os conjuntos de gêneros utilizados por diferentes profissionais no exercício de suas atividades (FUZER, 2008, p. 63).

Ainda, segundo a mesma autora, fazem parte de um sistema de gêneros os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham de modo organizado, considerando-se as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e usos dos textos.

### 2.6.2 O gênero discursivo “Ordem do Dia” do Comando do Exército.

Na presente seção, será dada continuidade à proposta inicial deste trabalho, o qual inclui o estudo de um dos documentos expedidos pelo Comando do Exército Brasileiro – a Ordem do Dia. Cabe ressaltar que cada Força Armada (Aeronáutica e Marinha) também elabora e divulga a sua própria Ordem do Dia às suas tropas.

Para atingirmos tal objetivo, é necessário, a partir de agora, situar essa Instituição no panorama mundial, a sua organização, suas regras e diretrizes, suas características, e realizar a ligação entre essas peculiaridades e a Linguística, bem como realizar um elo entre os conceitos já abordados, propositalmente, a fim de entendermos claramente o discurso militar, mais especificadamente, o do Exército do Brasil.

É também objetivo deste capítulo realizar um levantamento de alguns gêneros discursivos produzidos pela esfera militar no exercício rotineiro de suas funções. Por esfera militar, se entende o ambiente vivenciado na Instituição “Forças Armadas”, que inclui neste caso, o Exército Brasileiro, palco de estudo desta pesquisa. Será realizado um levantamento dos principais discursos produzidos por militares, com as características peculiares, seguidos de exemplos.

De acordo com Bakhtin (2016) o gênero é caracterizado por realizar uma função social determinada, isto é, os enunciados são produzidos com uma finalidade definida para atender objetivos e necessidades próprias de comunidades de atividade de linguagem. Bakhtin (2011) afirma ainda que para os estudos linguísticos é importante conhecer a natureza dos enunciados e a sua diversidade de formas representadas pelos gêneros discursivos, pois todo trabalho de pesquisa do material linguístico é feito a partir de enunciados concretos relacionados a diferentes esferas da comunicação.

Segundo o mesmo autor, há gêneros que só são usados por membros de um grupo específico, em atividades típicas desse grupo e outros que não são específicos, exclusivos de uma classe, pois são utilizados por membros de mais de uma comunidade de atividade de linguagem. Isso pode ser comprovado em nossa pesquisa, pois encontramos enunciados próprios da esfera militar e enunciados que também são utilizados por outros grupos, embora em situações diferentes e peculiares. Ele diz, ainda, que os gêneros são instituídos e funcionam num “*locus social*”, isto é, em um espaço. Este “*locus*” de surgimento dos gêneros pode ser mais restrito (equipara-se a apenas uma comunidade de atividade de linguagem) ou mais amplo (equipara-se a mais de uma

comunidade de atividade de linguagem). O autor propõe chamar de “esferas de ação social” o *locus* mais amplo, e de “comunidades discursivas” o *locus* mais restrito.

Para Bakhtin (2016) há uma estreita relação entre a existência de gêneros do discurso e as esferas da atividade humana, sendo que estas delimitam modos e caracteres diversos da utilização da língua, em função de suas condições específicas e finalidades.

Para o mesmo autor, todas as esferas da atividade humana, por mais diferenciadas que se apresentem, têm uma relação íntima com a língua. O modo de utilização da língua dá-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que provém dos membros de uma ou de outra esfera da atividade humana.

O enunciado espelha as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, mas também e, sobretudo, por sua constituição composicional.

Para Volochínov:

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (VOLOCHÍNOV, 2018, p.279).

É possível observarmos que, para o autor, os gêneros são oriundos de esferas de atividade humana e são caracterizados pelas condições específicas e pelas finalidades dessas esferas, o que vai caracterizá-los em contraposição a outros gêneros de outras esferas. O conceito de Bakhtin abrange tanto o *locus* representado por uma única comunidade de atividade de linguagem quanto o *locus* que inclui mais de uma comunidade de atividade de linguagem.

Consoante Jodelet (2008), articular uma ideia ou uma linguagem específica significa afirmar um vínculo social e uma identidade. Com isso, verifica-se que a linguagem técnica é um dos mecanismos utilizados pelos profissionais para evidenciar sua pertença ao grupo – no caso em estudo, a classe militar. A partilha não é só de uma linguagem específica (termos técnicos, estruturas sintáticas), como também conhecimento das leis que regulamentam a instituição militar.

A consequência disso é que se preserva o vínculo entre os membros de um grupo, da mesma forma que partilham uma língua, preparando-se para pensar e agir de um modo uniforme.

O documento que consistirá no corpus dessa pesquisa, a Ordem do Dia do Comando das Forças Armadas, é o documento expedido a todas as Organizações

Militares emanado pelo Comandante da Força respectiva, geralmente lido em solenidades militares. O seu caráter é ostensivo e destina-se a ser difundido a toda a tropa. Na maior parte das vezes, é lido em formaturas e solenidades alusivas a fatos históricos, marcantes para o Exército Brasileiro. São exemplos dessas datas: dia do exército, do soldado, da vitória. Ao contrário do que possa parecer pelo nome, este gênero não contém determinações de ações a serem cumpridas por membros das Organizações Militares, mas é, na verdade, uma mensagem dirigida a eles, de caráter encomiástico e laudatório. Quanto ao seu conteúdo, sempre traz elogios a alguma pessoa, instituição, agrupamento; palavras de incentivo a uma ação, atitude e comportamento sempre patrióticos, honrados, heroicos, seguindo ou não um modelo. Nesta ordem do dia, há também um incentivo para a ação do exército de acordo com a atual situação do Brasil. No final, aparece a especificação do responsável pela ordem do dia: nome e posto. Nas ordens do dia analisadas, colhidas no site do exército, havia comumente figuras alusivas ao tema da ordem.

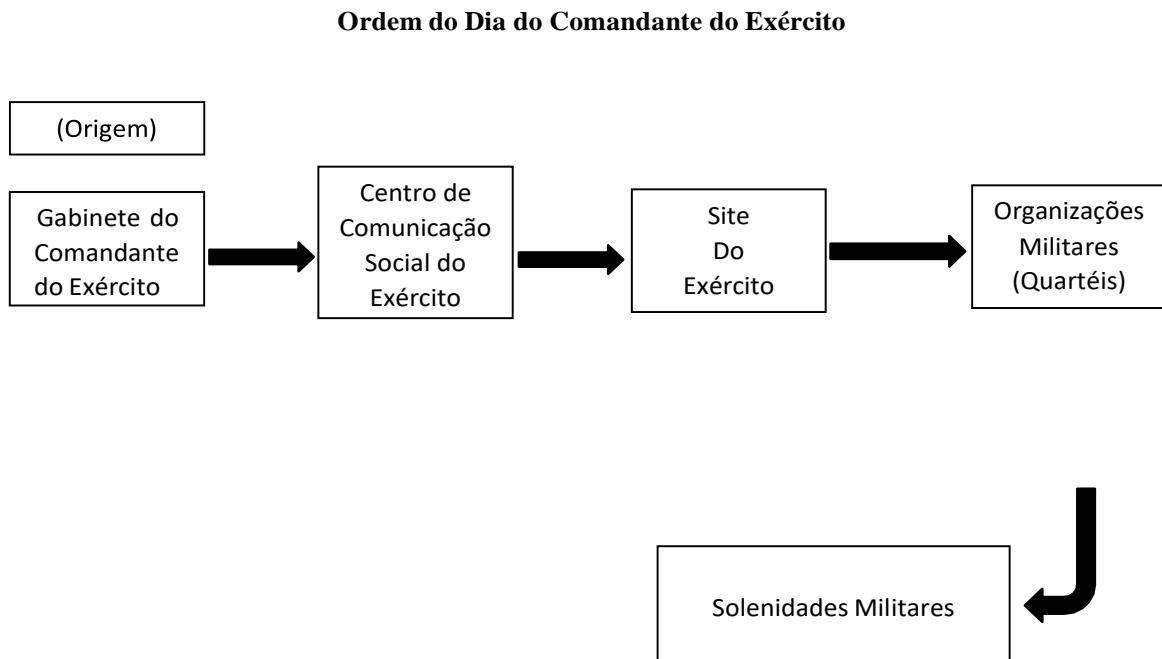
A sua periodicidade ocorre diretamente ligada a datas comemorativas memoráveis, que tenham algum significado para o Exército Brasileiro em algum momento da sua história.

É possível percebemos pelos escritos que se trata de um discurso de divulgação, de apologia a algum fato ou ato heroico que traga algum tipo de ensinamento ou lição à tropa. Ela retrata a voz do Comando do Exército, que passa a ser a única verdade universal da Força, isto é, passa a configurar-se na visão unilateral que todos os membros subordinados ao Comando da instituição deve ter acerca daquele fato histórico. Não se pode dizer que há um discurso autoritário explícito, mas sim um há um gênero discursivo do tipo autoritário do tipo implícito, uma vez que aquele discurso passa a ser o único viés da instituição e que, inclusive, é lido em todos os quartéis de norte a sul do país- é ordem! Há um horário e uma data específica a ser lida para a tropa pelo Comandante dos Quartéis em Formatura Alusiva Geral (evento que reúne todos os membros de um aquartelamento, em um determinado horário e local pré- determinados pelo comandante direto, com uma finalidade específica de interesse comum a todos daquela Organização Militar).

Justamente por essa vertente unilateral de abordagem, com um discurso imperativo, pela sua forma discursiva com traços autoritários é que se justifica a escolha desse Corpus para a presente pesquisa, em face da riqueza de detalhes que ela pode ser caracterizada e relacionada ao gênero discursivo autoritário, , estudo abordado neste trabalho.

Para termos uma visão mais clara do fluxo de confecção até a divulgação

tanto para a tropa quanto para os canais diversos de comunicação, será mostrado a seguir um breve fluxo grama deste processo:



### 2.6.3 O Discurso Autoritário

O discurso autoritário, registra, segundo Citelli (2007), uma forte marca persuasiva. Conquanto no discurso polêmico também haja persuasão, é aqui que se instalam todas as condições para o exercício da dominação pela palavra. O processo de comunicação dialógica se dá sem possibilidade de respostas, aliás somente com uma resposta imposta – acatar, obedecer o que foi determinado, visto que o transformamos em receptor com pouca ou nenhuma capacidade de interferir e modificar o que está sendo dito. É um discurso exclusivista, pouco afeito a aceitar mediações ou ponderações. O signo se fecha e irrompe a voz da “autoridade” sobre o assunto, aquele que irá ditar verdades como num ritual entre a glória e a catequese. O discurso autoritário lembra um circunlóquio: como se alguém falasse para um auditório composto por ele mesmo. Enquanto o discurso lúdico e o polêmico tendem a um maior ou menor grau de polissemia, o autoritário fixa-se num jogo para frásico, ou seja, repete uma fala já sacramentada pela instituição: o mundo do diálogo perde a guerra para o mundo do monólogo.

O discurso autoritário pode ser encontrado, de forma mais ou menos mascarada,



na família: o pai que manda, a despeito de usar, muitas vezes, a máscara/disfarce escondida sob o nome de conselho; na igreja: o padre ou o pastor que ameaçam os pecadores com o fogo do inferno – para que os pecadores não conheçam a ira do Senhor é preciso retornar ao rebanho convertendo-se ou seguindo os ensinamentos da igreja; no quartel: a retórica carregada de chamados patrióticos e recomendações visando preservar o princípio da hierarquia; na comunicação de massa: o apelo publicitário que tem por objetivo racionalizar as vendas e tornar imperativa a necessidade de se consumir determinado produto.

Para Orlandi (1987), o discurso autoritário é aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objetivo do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando.

É importante observarmos que o discurso militar tem características próprias e, quanto à sua tipologia, tende ao estilo autoritário. Isso se deve, inicialmente, aos princípios gerais e basilares que regem a Força. Cabe, portanto, no momento, esclarecer esses princípios que regem a Instituição – a hierarquia e a disciplina.

Por hierarquia militar, entende-se que é a ordenação da autoridade, em níveis diferentes, por postos e graduações. Quanto à disciplina militar, entende-se como a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes do organismo militar.

São manifestações essenciais da disciplina: a correção de atitudes; a obediência pronta às ordens dos superiores hierárquicos; a dedicação integral ao serviço e a colaboração espontânea para a disciplina coletiva e a eficiência das Forças Armadas.

Segundo o Regulamento Disciplinar do Exército, a disciplina e o respeito à hierarquia devem ser mantidos permanentemente pelos militares na ativa e na inatividade. Pelo trabalho nono do mesmo Regulamento, as ordens devem ser prontamente cumpridas.

Todavia, dizer que os regulamentos militares são leis de ação é escamotear características fundamentais: a sua função de controle e de manutenção da estrutura hierárquica de relações, condição essencial para a sobrevivência da instituição como tal.

Pelo que é possível constatar nos gêneros discursivos militares, depara-se, o tempo todo, com ordens, regras, instruções, regulamentos, anúncios publicitários e outros tipos de textos que interferem ou tentam interferir no comportamento do outro. Às vezes, o militar é alvo desses textos; outras vezes, assume o papel daquele que quer interferir, ordenar, ditar as regras. As mensagens desse tipo de texto geralmente se

organizam na forma de apelo, de ordem, de súplica ou mesmo de chamada à realidade, despertando nossa consciência. São, em geral, textos muito bem trabalhados, pois têm de “envolver” o destinatário.

Ao analisarmos a organização linguística desses textos (vocabulário, sintaxe, tempos e modos verbais, por exemplo), será percebida uma predominância da sequência do tipo injuntiva-instrucional.

Conforme Castilho (2012) injuntivo é sinônimo de “obrigatório”, “imperativo”. No campo dos estudos linguísticos, modo injuntivo é o mesmo que modo imperativo. Instrucional, por sua vez, remete-nos à instrução, ao ensino; são textos instrucionais, por exemplo, os manuais de aparelhos, informações de montagem, regulamentos, regras de jogos, receitas culinárias.

Gramaticalmente, os textos injuntivos-instrucionais se caracterizam pelo emprego de verbos no imperativo, pronomes na segunda pessoa e uso de vocativos. Tais termos acessórios da oração (vocativo) além das características de verbos e pronomes já citados são percebidos, implicitamente, em todas as ordens emanadas de forma imperativa nos movimentos de Ordem Unida. Esse termo Ordem Unida é tratado em um manual específico (C 22-5) cuja finalidade é estabelecer normas que padronizem a execução dos exercícios de Ordem Unida, tendo em vista os objetivos deste ramo da instrução militar.

Observa-se que os manuais militares prescrevem não só uma linguagem com elementos imperativos, como também a postura do chefe ou comandante é recomendada que seja de forma imperativa, inclusive prevendo a emissão de determinadas sílabas de algumas palavras, que fazem parte do comando, entoadas de maneira mais enérgica e forte.

Outros exemplos de comando de Ordem Unida contendo elementos linguísticos característicos do gênero militar: “Sentido!” (com vocativo implícito); “Cobrir!”; “Ordinário – Marche!”; “Acelerado”, entre outros.

Verifica-se, também, outro traço linguístico característico do gênero discursivo militar – o ponto de exclamação utilizado nos comandos para a tropa – que segundo Cegalla (2010), é utilizado para exprimir, entre outras coisas, uma ordem.

#### **2.6.4 A persuasão no Discurso**

Um conceito de grande relevância a ser tratada neste capítulo tanto do ponto de vista geral, pela sua onipresença em todos os textos literários enunciados e tipos de discurso em geral, como do ponto de vista específico deste trabalho – a persuasão. Persuasão é um conceito que estará presente no corpus deste trabalho, visto a sua

importância nos mais diversos tipos de discurso – objeto de estudo e de análise desta pesquisa.

Nesse sentido, cabe a seguinte citação: “Mas devemos defender-nos de toda palavra, toda linguagem que nos desfigure o mundo, que nos separe das criaturas humanas, que nos afaste das raízes da vida”( CITELLI, 2007, p.3).

Segundo Citelli (2007), generalizando um pouco a questão, é possível afirmar que o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo. É muito difícil rastreamos organizações discursivas que escapem à persuasão; talvez a arte, algumas manifestações literárias, jogos verbais, um ou outro texto marcado pelo elemento lúdico.

Para Citelli (2007), persuadir é, sobretudo, a busca de adesão a uma tese, perspectiva, entendimento, conceito, etc, evidenciado a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade do que se enuncia. Quem persuade leva o outro a aceitar determinada ideia, valor, preceito.

Para verificar como ocorre a construção verbal do discurso persuasivo, é necessário reconhecer a organização e a natureza formadora dos signos linguísticos. Assim sendo, vê-se que a linguagem não é ingênua, e os recentes modos de dizer podem estar escondendo novas formas de organizar a sociedade. As relações entre signo, ideologia e construção do discurso persuasivo são, portanto, mais próximas do que imaginamos. Vale dizer, desde a escolha das palavras (como pode ocorrer, por exemplo, com certas explorações semânticas do eufemismo) até a organização das frases, passando pela escolha e disposição dos raciocínios e dos temas ao longo dos textos, percorremos um caminho de inúmeras possibilidades para se compor a ordem persuasiva e de convencimento dos discursos.

Faz-se imperioso destacar que o discurso persuasivo tem como função, entre outras, provocar reações emocionais no receptor: o enunciador/emissor apela para recursos afetivos, visando conquistar a adesão do seu público.

Uma última observação é válida acerca desse assunto. É possível a existência de um discurso não-persuasivo? Todos os discursos visam a persuadir acerca de alguma coisa? É bom lembrar que persuadir não é sinônimo imediato de coerção ou mentira. Pode ser apenas a representação do desejo de se prescrever a adoção de alguns comportamentos, cujos resultados finais apresentem saldos socialmente positivos. Por exemplo, uma campanha de vacinação infantil.

Nesse caso, conquanto exista através da propaganda institucional uma preocupação persuasiva, os objetivos últimos encaminham para a formação de atitudes que poderão resultar em melhoria nas condições de saúde das crianças. Claro que nos referimos a uma situação extrema e não muito representativa dos fins propostos por

grande parte dos discursos persuasivos (CITELLI, 2007).

Ainda segundo Citelli (2007), para existir persuasão é necessário que certas condições se façam presentes: a mais óbvia é a da livre circulação de ideias. Em uma ditadura, em um regime que censura, fica um pouco estranho falar em persuasão, visto que inexistem ideias em choque.

Em um texto militar (objeto de estudo deste trabalho), a persuasão também se faz necessária, afinal, dentro da Instituição Exército Brasileiro, em que ordens são emanadas e recebidas a todo o momento, faz-se imperioso, para uma perfeita execução das ordens, para um perfeito entendimento das regras da Instituição e para a manutenção da Hierarquia e Disciplina (pilares básicos dessa Força Armada), convencer (uma vez que o chefe militar deve procurar convencer pelo exemplo e pela palavra) tanto o emissor como o destinatário das ordens a serem transmitidas para um perfeito cumprimento das missões impostas. É importante acreditar no que se prega e no que se faz acreditar e fazer-se acreditar.

Encerrando esta seção, acreditamos ter conseguido, através de um resumido panorama de definição de vocábulos, inter-relacionar essas ideias, para que, ao longo do trabalho, esses termos linguísticos considerados como embaixadores, possam servir de norte para alcançarmos os objetivos propostos para o presente trabalho.

### **2.6.5 Os discursos internamente persuasivos e/ ou autoritários e o Círculo de Bakhtin**

Os estudos da argumentação remetem com mais frequência aos da Retórica, que surge, provavelmente, no século V a.C., na Sicília. Posteriormente, com Aristóteles, a Retórica ganha sistematização e é identificada como um elemento chave da Filosofia, ao lado da Lógica e da Dialética. Na Idade Média, a Retórica constituiu, junto com a Lógica e a Gramática, o *trivium*, ou seja, era uma das três artes liberais ensinadas na universidade. Destinada ao treinamento de oradores e escritores que deveriam convencer audiências mediante argumentos, foi parte central da educação ocidental até o século XIX.

Com certeza, a aliança da retórica com noções do que tem se denominado *análise dialógica do discurso*, inspirada na obra de Mikhail Bakhtin e o Círculo, vai nos auxiliar na compreensão dos nossos estudos de modo mais profundo. Da obra bakhtiniana destacamos, neste trabalho aspectos: como a sua noção fundamental – *dialogia*, inerente a todo discurso, e os fundamentos teórico- metodológicos de análise.

Segundo Pistori (2019) a aliança dos conceitos bakhtinianos a conceitos da

retórica, antiga e/ou nova, poderia parecer um estudo estranho, considerado as várias apreciações negativas a esta última na obra de Bakhtin e do Círculo. No entanto vários trabalhos têm constatado que tais ligações tanto são possíveis quanto produtivas e auxiliam o entendimento do modo como se constrói a persuasão, sobretudo por meio dos conceitos de *entonação apreciativa*, *dialogia*, *bivocalidade* e *palavra autoritária*, produtora de discursos hegemônicos.

É bem verdade, para a mesma fonte supracitada, que o conceito de Bakhtin para diálogo tem dado uma nova direção à atividade retórica da persuasão para um espectro mais diversificado de propósitos/finalidades, cabendo destacar que estão, na íntegra, situados em relação a outros enunciados, que o sentido somente é inferido em contexto e a compreensão do ouvinte/leitor é sempre ativa – chamamos de compreensão responsivo – ativa, que não se desliga dos valores quer seja na resposta como, até mesmo, na própria compreensão valorativa (PISTORI, 2019).

Já para a retórica, segundo Pistori (2019), a definição para Aristóteles, já abordada anteriormente, é um dos assuntos que merece uma certa atenção e vem ao encontro do estudo dos gêneros da Antiguidade.

Ainda para a mesma fonte, o nexa a inter-relação necessária entre o verbal, o visual e o extraverbal dos enunciados concretos revelam o papel das amplas e diferentes esferas da atividade humana, em conexão com a organização da vida social, o espaço e o tempo na compreensão de um texto em geral. Dessa forma, as diferentes esferas ideológicas contribuem na construção dos efeitos de sentido persuasivos produzidos por um texto. Naturalmente, não é todo leitor que vai identificar todas essas diferentes relações dialógicas produzidas discursivamente, mas elas estão ali, na “inesgotabilidade da segunda consciência, isto é, da consciência do que compreende e responde” (VOLOCHÍNOV, 2018, p.372), mesmo que só se revelem numa situação e na cadeia dos textos.

## 2.7 Relacionando Conceitos

A linguagem, na visão bakhtiniana, não é uma realidade monológica; mas sim, diante dos aspectos sócio-históricos, uma realidade dialógica, uma vez que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem.

No capítulo 4 de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volochínov (2017, p.71) formula a seguinte pergunta: “Mas o que é a linguagem?”

Essa pergunta pode ser respondida a partir da reflexão acerca da passagem abaixo:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer

se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma mais de vida de uma determinada comunidade lingüística. A enunciação individual (a "parole"), contrariamente à teoria do objetivismo abstrato, não é de maneira alguma um fato individual que, pela sua individualidade, não se presta à análise sociológica. Com efeito se assim fosse, nem a soma desses atos desses atos Soma individuais, nem as características abstratas comuns a todos esses atos individuais (as "formas normativamente idênticas") poderiam gerar um desses atos gerar um produto social.

Para Volochínov (2018), a corrente do subjetivismo individualista está correta ao sustentar que enunciados isolados representam uma espécie de “substância real” da língua e que a elas estaria destinada, na língua, a função criativa. Entretanto, complementa nos dizendo que estamos equivocados ao ignorarmos e não compreendermos a natureza de caráter social da enunciação e ao tentar deduzir esta última do “mundo interior” do locutor, ao representar a expressão desse mundo interior.

Diante desse contexto, constata-se que Bakhtin e Volochínov elegem e valorizam, como objeto de estudo, a fala em seu contexto social (fenômeno social), ligada às estruturas sociais, considerando a constituição ideológica do enunciado, ou seja, tratam a linguagem (no aspecto socioideológico), tendo como unidade básica o enunciado.

Para Bakhtin e Volochínov, o caráter dialógico está ligado à realidade da linguagem que a vê sempre no âmbito da interação entre interlocutores. Além disso, cada enunciado é concebido em função de outros enunciados, aos quais responde.

Assim, a teoria de Bakhtin e Volochínov (2017, p. 113) de que a enunciação é de natureza social, opõe-se à de Saussure que não considerou o aspecto socioideológico da linguagem. Para concluir, Bakhtin e Volochínov (2017, p. 132), afirmam que "a língua constitui um processo de evolução ininterrupto que se realiza através da interação verbal social dos locutores".

Mas Di Fantí (2003, p. 96) explica "a linguagem, assim, como outras noções tratadas por Bakhtin, está em vários lugares e não se limita à 'língua' ou à linguagem". Acrescenta que "não encontramos nos estudos do Círculo uma noção, como a de língua e linguagem, desenvolvida 'linearmente' sem um movimento dialógico", ou seja, as noções exigem "responsivas do leitor, isto é, gestos de respostas à teoria em um movimento de aproximação e/ou distanciamento entre o que apreendemos e o que é apreendido". Afirma, que "talvez seja por isso que ainda existam muitos espaços a serem explorados nessa teoria".

Por essa razão, afirma Di Fanti (2003, 100) que a "linguagem do ponto de vista bakhtiniano tem vida em um espaço enunciativo-discursivo".

Passamos, agora, à abordagem sobre a língua. Bakhtin, opondo-se às concepções vigentes sobre a língua, sustenta a ideia de ser a língua uma

atividade social, em que o importante não é o enunciado, o produto, mas sim a enunciação, o processo verbal. [...]A palavra-chave da linguística bakhtiniana é dialogo. Só existe língua onde houver possibilidade de interação social, dialogal ...] A língua é um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes, é uma atividade social, é enunciação.

A língua é definida pelo Círculo como uma maneira de expressão das relações e lutas sociais.

Para o Círculo ainda, existem duas forças históricas principais agindo sobre a língua: "uma força centrípeta, centralizadora e unificante, realizada por tudo aquilo que é oficial, dos mecanismos de poder de estado e de reprodução de modelos ideológicos e culturais" e uma força "centrífuga, descentralizadora, que é o plurilinguismo real da vida concreta da linguagem".

Quanto ao uso da língua, Volochínov (2018) nos diz que a língua, na sua prática diária, não consegue ser separada de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida: portanto, não pode ser separada da comunicação verbal; também, não é transmitida como um produto acabado porque indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada: ela está continuamente constituindo-se na corrente da comunicação verbal.

Falar de língua/linguagem em Bakhtin exige desenvolver a questão do signo linguístico que, segundo Tezza (2001, p. 92), foi um tópico trabalhado por Volochínov em Marxismo e Filosofia da Linguagem; por essa razão, é "um dos temas mais difíceis de resolver no universo bakhtiniano". Acrescenta Tezza (2001, p. 31) que, para Volochínov, o "signo da linguística para no sinal", porque "a vida da linguagem só nasce depois dele" Assim, "o que produz significado (ou o que dá vida concreta à palavra) não é a definição reiterável do dicionário, dentro de uma estrutura abstrata de sinais, da fonética à semântica, nem mesmo um contexto abstratamente considerado". Refere que o significado é produzido no "espaço entre sujeitos socialmente organizados em que a palavra real vive".

Todo signo é ideológico. Segundo Volochínov (2018), tudo aquilo que possui uma ideologia, possuirá um significado, pois o que é ideológico configura-se em um signo, ou seja, sem signo é impossível haver ideologia.

Eles acrescentam que "cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma

sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade" (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2018, p. 33). Por essa razão, enfatizam que "não basta colocar face a face dois homo sapiens quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo social (unidade social), porque só assim "um sistema de signos pode constituir-se" (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2018, p. 35). Assim, Bakhtin e Volochínov (2018, p. 16) concluem "A palavra é o signo ideológico por excelência".

A palavra é um dos conceitos básicos estudados por Bakhtin e Volochínov (2018, p 323), que chegam a afirmar: "Onde não há palavra não há linguagem e não pode haver relações dialógicas".

Por essa razão, para o Círculo de Bakhtin, a palavra já entra carregada de intenções, opiniões, traços sociais, com todas as marcas de seu território valorativo.

Vejam-se algumas características:

A palavra como fenômeno ideológico está presente em todas as relações entre os indivíduos. Conforme Bakhtin e Volochínov (2018, p. 36), as relações sociais têm sentido através da palavra, porque "a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social". Esclarecem Bakhtin e Volochínov (2018 p. 38) que "é preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência". Acrescentam: "A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico".

A palavra está em evolução constante, conforme explicam Bakhtin e Volochínov (2018 p. 202): "A palavra, como fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que fala".

Por essa razão, Volochínov (2018) afirma que "a palavra concreta vive entre sujeitos socialmente organizados".

Assim, quando Volochínov (2018 p. 42) refere-se às características da palavra enquanto signo ideológico e a ubiquidade social, dizem:

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.. portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos



estruturadas e bem-formados.

Haverá sempre um auditório social, porque, segundo a palavra sempre se dirige a um interlocutor e, simultaneamente, "o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções, suas motivações, apreciações, etc.", Conforme Bakhtin e Volochínov (2018, p. 116).

O sentido da palavra, conforme Bakhtin/ Volochínov, "é totalmente determinado por seu contexto", ou seja, "há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis". Volochínov (2018, p. 106) afirma:

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas que se organizam no romance em um sistema estilístico harmônico, expressando a posição sócio ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos da sua época.

Assim, Bakhtin e Volochínov (2018, p. 98-99) dizem: "Não são as palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis". O Círculo acrescenta ainda que "a palavra está sempre carregada de um sentido ideológico é vivencial".

Sobre a palavra como um ato de duas pontas Bakhtin e Volochínov (2018, p. 117) afirmam que "toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro". Acrescentam que "através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros". Em síntese, toda palavra expressa o um em relação ao outro.

Eles ressaltam que a palavra não pertence integralmente ao locutor, porque ela se "situa uma espécie de zona fronteira, cabe-lhe contudo uma boa metade" (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2018, p. 117). Na concepção dialógica da linguagem – a palavra não pertence ao falante. Para Bakhtin (2018, p. 293):

As palavras da língua não são de ninguém, mas ao mesmo tempo nós as ouvimos apenas em determinadas enunciações individuais, nós as lemos em determinadas obras individuais, e aí as palavras já não têm expressão, apenas típica porém expressão individual externada com maior ou menor nitidez (em função do gênero), determinada pelo contexto singularmente individual do enunciado.

Novamente, Volochínov (2018, p. 140) retoma essa afirmação quando diz que, "qualquer pessoa que vive em sociedade (em média), pelo menos a metade de todas as palavras são de outrem reconhecidas como tais". Reafirma, ainda, "entre todas as palavras pronunciadas no cotidiano não menos que a metade provém de outrem".

Sobre a interação entre locutor e o interlocutor, Bakhtin e Volochínov (2018 p. 137) referem:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. E como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato entre dois polos opostos."

As palavras só ganham expressividade no contexto do enunciado, conforme Volochínov (2018, p. 294) qualquer palavra

[...] existe para o locutor sob três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. Nos dois aspectos finais, a palavra é expressiva, mas essa expressão, reiteramos, não pertence a própria palavra.

Sobre a natureza da palavra, Volochínov (2018, p. 333) informa as seguintes características: "sempre quer ser ouvida, sempre procura uma compreensão responsiva e não detém na compreensão imediata, mas abre caminho sempre mais e mais à frente (de forma ilimitada)". Ele ressalta que "para a palavra (e conseqüentemente para o homem), não existe nada mais terrível do que a que a irresponsividade " Ele esclarece (VOLOCHÍNOV, 2018, p. 321), que "até o discurso direto do autor é cheio de palavras conscientizadas dos outros".

No mesmo sentido Volochínov (2018) reafirma que "cada palavra já nasce com uma resposta; e a compreensão do que nos dizem é uma contrapalavra". Assim, sobre a audibilidade da palavra, Volochíov (2018, p 334) refere que "a palavra quer ser ouvida, entendida, respondida e, mais uma vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*." Acrescenta que "ela entra num diálogo que não tem final semântico mas que pode ser fisicamente interrompido para esse ou aquele participante".

Isto quer dizer, segundo Volochínov (2018, p 323), que "onde não há palavra

não há linguagem e não pode haver relações dialógicas". Acresce, ainda, que "as relações dialógicas pressupõem linguagem, no entanto elas não existem no sistema da língua".

Por essa razão é que Bakhtin e Volochínov (2018, p. 42) explicam que a linguagem é tratada como criação coletiva e compreendida a partir da sua natureza sócio-histórica, quando "As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios". Eles acrescentam, ainda, que "a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mas efêmeras das mudanças sociais".

Aqui, constata-se que a concepção dialógica da linguagem é compreendida por meio da sua natureza sócio-histórica. Isto é, a interação é constitutiva da teoria dialógica da linguagem.

Volochínov (2018) refere que a palavra não "é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz". Acrescenta que "sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra".

Ele reafirma que "essa transferência das palavras de uma boca para outra, quando elas conservam o mesmo conteúdo mas mudam o seu último sentido, constitui o procedimento básico de Dostoiévski" (VOLOCHÍNOV, 2018, p. 249). Por fim, ele conclui que "A língua, a palavra são quase tudo na vida humana" (VOLOCHÍNOV, 2018, p.324).

Toda ação humana é mediada pela linguagem que está presente em toda a vida humana (inseparável do homem). A linguagem instrumentaliza o direito. Sem ela, o direito não tem como manifestar-se. Não existe direito sem discurso. Para Bakhtin, a linguagem é social, porque é necessária para a existência humana. Logo, a linguagem é essencialmente dialógica, porque segundo Volochínov (2018, p. 329) "A vida é dialógica por natureza". Ou seja, "viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.", porque, segundo Bakhtin, nesse diálogo, "o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos". Por essa razão, é que Bakhtin é um filósofo do movimento, da realidade concreta e não da abstração teórica.

A linguagem também é o espaço privilegiado para o exercício da interação verbal, uma vez que Bakhtin e Volochínov (2018, p. 127) afirmam "A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua".

Por essa razão é que Bakhtin e Volochínov (2018, p. 129) estabelecem a

interação verbal como realidade fundamental da língua, quando afirmam:

É nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua.

A interação verbal é realizada pela enunciação, mediante o diálogo. Para Bakhtin, "os sentidos de uma palavra não existem em si mesmos, como algo já dado". Destacamos que a relação da língua com a enunciação não é direta, porque passa pelos gêneros do discurso. Para Bakhtin e Volochínov (2006, p. 101) não existe o discurso "individual", uma vez que todo discurso se constrói em função de um outro, ou seja, no processo de interação, quando diz:

Toda enunciação, mesmo, na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as.

A concepção bakhtiniana de linguagem como interação verbal resulta da ponderação de que todo enunciado é uma resposta a um já dito. Assim, nessa perspectiva, são consideradas as questões ideológicas e sociais, conforme Bakhtin e Volochínov (2018, p. 113) explicam "A enunciação é de natureza social, porque o ato da fala, o seu produto não pode ser explicado somente a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante.

O enunciado é definido por Volochínov (2018, p. 274-275):

O discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo limites absolutamente precisos.

Volochínov (2018, p. 294) enfatiza "que a experiência discursiva individual de

qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e continua com os enunciados individuais dos outros". Daí, afirmar Volochínov (2018, p. 275) que o "enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real".

Acrescenta Volochínov (2018, p. 333) que todo enunciado tem sempre um "destinatário (de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, etc.), cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa". Ele demonstra a interação entre os sujeitos do discurso:

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas), é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de perceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (VOLOCHÍNOV, 2018, p. 294-295).

Para Volochínov (2018, p. 297-298) cada enunciado "dever ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo". Por essa razão é que o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas: segundo Volochínov (2018, p. 298).

Porque a nossa própria idéia - seja filosófica, científica, artística - nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.

Concluindo, o enunciado é "compreendido como elemento da comunicação em relação indissociável com a vida". Por essa razão, afirma que o enunciado concreto "é um evento social e não pode ser reduzido a abstrações". Destaca o grupo que, na obra "Marxismo e filosofia da linguagem, "a palavra enunciação é utilizada muitas vezes como ato de fala". Já, em "Gêneros do discurso", o enunciado é definido como a "unidade real da comunicação discursiva". Salienta, ainda, que nesse texto Bakhtin afirma que "o desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso em qualquer campo de investigação linguística redundam em formalismo". E mais ainda "em uma abstração exagerada, deformam, a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida".

### **3 Metodologia**

### 3.1 Metodologia

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, em um momento inicial amparada em conceitos bakhtinianos, sendo complementada, posteriormente, por referenciais teóricos complementares já citados. O tema em questão está voltado para o estudo da entonação produtora de sentidos em discursos autoritários militares, mais especificamente à Ordem do Dia do Comandante do Exército, como corpus da presente pesquisa, referente à data de 31/3/1964.

O processo metodológico da presente tese segue a sequência cronológica proposta por (Volochínov, 2018), que nos diz que a ordem considerada metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.

Desta cronologia é possível afirmarmos que, ainda segundo o autorsupracitado, a evolução real da língua também ocorre na mesma ordem: *acomunicação social se forma* (fundamentada na base), *nela se criam a comunicação e a interação verbal e nessa última se constituem as formas dos discursos verbais e, por fim, essa formação se reflete na mudança das formas da língua.*

Para atendermos aos pressupostos metodológicos mencionados, adotaremos como norteamento do presente trabalho os seguintes objetivos:

**Objetivo Geral:** A tese desenvolvida está centrada na análise dos discursos produzidos nos documentos analisados – Ordem do dia. Assim, entende-se que tais discursos são MONOLÓGICOS, tendo em vista a seleção lexical utilizada, as produções de sentido que se configuram pelo autoritarismo e pela persuasão, em termos de discurso, tal como propõem os estudos do Círculo de Bakhtin com os conceitos neste trabalho já abordados.

**Objetivos Específicos:**

1. Analisar a seleção lexical e a organização sintática dos enunciados nesse documento

oficial enquanto portadores de entonações; e

2. Analisar as diferentes versões do termo “democracia” desde a época do movimento militar de 1964 até os dias atuais.

A partir dessa cronologia e seguindo esse procedimento metodológico, temos como objetivo mostrar o ponto de vista formulado e apresentado por (Volochínov, 2017, p. 224) com relação à língua, o qual segue:

1) A língua como um sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.

2) A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes.

3) As leis da formação da língua não são de modo algum individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. As leis da formação da língua são leis sociológicas em sua essência.

4) A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem. A formação da língua, como qualquer formação histórica, pode ser percebida como uma necessidade mecânica cega, porém também pode ser uma “necessidade livre” ao se tornar consciente e voluntária.

5) A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social. O enunciado, como tal, existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito da palavra “individual”) é um *contradictio in adjecto*.

Assim sendo, essa pesquisa busca tentar unir e relacionar os conceitos do Círculo de Bakhtin, dentre eles, Interação Verbal, Ideologia, Enunciado, Dialogismo e Discurso Alheio, com os conceitos de Persuasão apresentados por Citelli, e com base teórica apoiada também em Orlandi, em um extrato de documento típico militar – a Ordem do Dia do Comandante do Exército.

Cabe ressaltar que somente foram válidos para presente estudo as Ordens do Dia de 2019, 2020 e 2021 pois foram somente nesses anos que esses documentos tornaram-se de caráter ostensivo, isto é, de fácil acesso à população, por meio da internet.

Quanto ao procedimento das análises, os enunciados são analisados em suas composições lexicais, enquanto signos ideológicos e entonações veiculadas, tanto pelo léxico quanto pela organização sintática. Foram seguidos os passos 1 e 2 da metodologia de Volóchinov ao contextualizarmos as Ordens do Dia (Seção 2.6.2), bem como as características desse gênero discursivo. O terceiro passo da metodologia supracitada que norteia a pesquisa foi aplicado e estudado no capítulo de “Análises”.



## 4. Análise

### 4.1 Análise Ordem do Dia 2019

#### Ministério da Defesa Ordem do Dia Alusiva ao 31 de Março de 1964

Brasília, DF, 31 de março de 2019

1 As Forças Armadas participam da história da **nossa gente, sempre** alinhadas  
2 com as suas **legítimas** aspirações. O 31 de Março de 1964 foi um episódio  
3 **simbólico** dessa identificação, dando ensejo ao cumprimento da Constituição  
4 Federal de 1946, quando o Congresso Nacional, em 2 de abril, declarou a vacância  
5 do cargo de Presidente da República e realizou, no dia 11, a eleição indireta do  
6 Presidente Castello Branco, que tomou posse no dia 15.

7 Enxergar o Brasil daquela época em perspectiva histórica **nos** oferece a  
8 oportunidade de **constatar a verdade** e, principalmente, de exercitar o maior ativo  
9 humano - a **capacidade de aprender**.

10 Desde o início da formação da nacionalidade, ainda no período colonial,  
11 passando pelos processos de independência, de afirmação da soberania e de  
12 consolidação territorial, até a adoção do modelo republicano, o País vivenciou,  
13 com maior ou menor nível de conflitos, **evolução** civilizatória que o trouxe até o  
14 alvorecer do Século XX.

15 O início do século passado representou para a sociedade brasileira o  
16 despertar para os fenômenos da industrialização, da urbanização e da  
17 modernização, que haviam produzido desequilíbrios de poder, notadamente no  
18 continente europeu.

19 Como resultado do impacto político, econômico e social, a humanidade se  
20 viu envolvida na Primeira Guerra Mundial e assistiu ao avanço de **ideologias**  
21 **totalitárias**, em ambos os extremos do espectro ideológico. Como faces de uma

22 mesma moeda, tanto o comunismo quanto o nazifascismo passaram a constituir  
23 as principais ameaças à liberdade e à democracia.

24       Contra esses **radicalismos**, o **povo** brasileiro teve que defender a  
25 **democracia** com seus **cidadãos fardados**. Em 1935, foram desarticulados os  
26 amotinados da Intentona Comunista. Na Segunda Guerra Mundial, foram  
27 derrotadas as forças do Eixo, com a participação da Marinha do Brasil, no  
28 patrulhamento do Atlântico Sul e Caribe; do Exército Brasileiro, com a Força  
29 Expedicionária Brasileira, nos campos de batalha da Itália; e da Força Aérea  
30 Brasileira, nos céus europeus.

31       A geração que empreendeu essa **defesa dos ideais de liberdade**, com o  
32 **sacrifício** de muitos brasileiros, voltaria a ser testada no pós-guerra. A  
33 polarização provocada pela Guerra Fria, entre as democracias e o bloco  
34 comunista, afetou todas as regiões do globo, provocando conflitos de natureza  
35 revolucionária no continente americano, a partir da década de 1950.

36       O **31 de março** de 1964 estava inserido no ambiente da **Guerra Fria**, que  
37 se refletia pelo mundo e penetrava no País. **As famílias no Brasil estavam**  
38 **alarmadas e colocaram-se em marcha. Diante de um cenário de graves**  
39 **convulsões, foi interrompida a escalada em direção ao totalitarismo.** As  
40 Forças Armadas, atendendo ao **clamor da ampla maioria da população e da**  
41 **imprensa brasileira**, assumiram o papel de **estabilização daquele processo.**

42       Em 1979, um **pacto de pacificação** foi configurado na Lei da Anistia e  
43 **viabilizou a transição para uma democracia que se estabeleceu definitiva e**  
44 **enriquecida** com os aprendizados **daqueles tempos difíceis**. As lições  
45 aprendidas com a História foram transformadas em ensinamentos para as novas  
46 gerações. Como todo processo histórico, o período que se seguiu experimentou  
47 avanços.

48       As Forças Armadas, como instituições brasileiras, acompanharam essas  
49 mudanças. Em **estrita observância ao regramento democrático**, vêm mantendo  
50 o foco na sua missão constitucional e subordinadas ao poder constitucional, com  
51 o propósito de manter a paz e a estabilidade, para que as pessoas possam  
52 construir suas vidas.

53 Cinquenta e cinco anos passados, a Marinha, o Exército e a Aeronáutica  
 54 reconhecem o papel desempenhado por aqueles que, ao se depararem com os  
 55 desafios próprios da época, **agiram conforme os anseios da Nação Brasileira.**  
 56 Mais que isso, reafirmam o compromisso com a liberdade e a democracia, pelas  
 57 quais têm lutado ao longo da História.

### FERNANDO AZEVEDO E SILVA

Ministro de Estado da Defesa

<p><b>ILQUES BARBOSA JUNIOR</b> Almirante de Esquadra Comandante da Marinha</p>	<p><b>Gen Ex EDSON LEAL PUJOL</b> Comandante do Exército</p>	<p><b>Ten Brig Ar ANTONIO C. M. BERMUDEZ</b> Comandante da Aeronáutica</p>
---	--	--

A seguir será apresentada a análise de expressões (signos ideológicos) utilizadas no documento acima exposto denominado “Ordem do Dia Alusiva ao 31 de Março de 1964”, disponibilizado de forma ostensiva em 31/03/2019, isto é, de forma pública e ampla a todos, inclusive, na internet.

A seleção dos signos ideológicos para análise teve como critério o destaque de recursos linguísticos e discursivos, indicadores de entonações reveladoras de relações dialógicas e valorações particulares, que contribuem para a construção dos sentidos revelados no documento em questão. A análise será feita em parágrafos e será dada atenção especial à construção de sentido do signo “Democracia” no desenvolvimento do trabalho, porque o sentido desse termo depende do ponto de vista do locutor e do próprio interlocutor, ou seja, depende de uma visão ideológica. O sentido de um termo está diretamente relacionado a uma ideologia.

#### 1º Parágrafo

- 1 As Forças Armadas participam da história da **nossa gente, sempre** alinhadas
- 2 com as suas **legítimas** aspirações. O 31 de Março de 1964 foi um episódio
- 3 **simbólico** dessa identificação, dando ensejo ao cumprimento da Constituição
- 4 Federal de 1946, quando o Congresso Nacional, em 2 de abril, declarou a

5 vacância do cargo de Presidente da República e realizou, no dia 11, a eleição  
6 indireta do Presidente Castello Branco, que tomou posse no dia 15.

### **I. Ordem do Dia alusiva ao 31 de Março de 1964 (Título)**

Conforme abordado anteriormente, a Ordem do Dia é um documento do Comando das Forças Armadas, expedido a todas as Organizações Militares, geralmente lido em solenidades militares. Cabe ressaltar que, historicamente, naquele 31 de março de 1964, o contexto histórico à época, por parte da maioria da população, houve uma ruptura do sistema democrático que migrou para um sistema ditatorial.

Fazendo uma analogia com o período de março de 2019, ocasião em que foi expedido o presente documento, o Brasil ideologicamente encontrava-se dividido em duas correntes: uma, que acreditava ser a “salvação” do país com a vitória do novo governo que hora assumia e outra, que receava o retorno do contexto ditatorial de 1964.

Segundo a definição do Dicionário da Academia Brasileira de Letras, o termo “ordem” significa determinação emanada de uma autoridade. No texto em questão, esse signo ideológico nos remete à ideia de algo definido, não permitindo outra possibilidade.

O termo denota autoritarismo e não é por acaso que o documento denomina-se “Ordem do dia”, pois trata-se de uma leitura imposta à tropa sem condições de contraproposta por parte dos interlocutores. Em termos bakhtianos, o gênero Ordem do Dia, por sua própria natureza, tem uma conotação impositiva, pois não permite uma outra resposta que não seja o aceite e o silêncio. Independente da compreensão ativa do enunciado da Ordem do Dia, a resposta do interlocutor, nesta situação, é o silêncio.

A expressão “31 de março de 1964” configura-se em um acontecimento histórico que, na percepção de grande parte do povo brasileiro, tem uma conotação negativa, por remeter a um sistema não democrático, enquanto no texto está sendo apresentado como um motivo de festa, de comemoração, como se fosse algo que tivesse a obrigação de ocorrer e merecesse uma valoração positiva, por representar para as Forças Armadas e seus apoiadores uma vitória sobre um outro sistema não democrático (comunismo). O gênero discursivo “Ordem do Dia” evidencia um direcionamento ao leitor de forma impositiva e assertiva que pode ser constatada pelo uso da primeira pessoa do plural e de verbos e frases afirmativas que, mesmo sendo possível ter outra interpretação (compreensão responsiva ativa), o tom do enunciado exige uma aceitação, desencorajando ou impedindo, até mesmo, impedindo qualquer manifestação contrária.

### **II. “As Forças Armadas participam da história da **nossa gente...**”. (linha 1)**

O pronome possessivo “nossa” inclui o leitor no contexto, já que a Ordem do Dia é lida para toda a tropa no Brasil inteiro, com a presença de traço persuasivo como se fosse um movimento de simpatia por parte de quem o ouve, no momento em que há a inclusão de toda a população brasileira nesse contexto.

É uma afirmação impositiva, indicando atemporalidade, uma vez que as Forças Armadas sempre participarão da história da sociedade brasileira. As Forças Armadas não estão à parte da população, há uma certa identificação, o que nos permite concluir que tem uma certa importância para a criação de um sentido ideológico de pertencimento. Cabe ressaltar que o público a que se destina o discurso sente-se inserido ideologicamente nele, porque se trata de um gênero própria da esfera militar.

Por parte do locutor, não haveria ou, pelo menos, não deveria haver distinção entre as aspirações da população e as das Forças Armadas.

A voz das Forças Armadas, para o locutor, é a voz da sociedade, já que constroem a história conjuntamente. O ato de enunciação dá-se a partir das valorações atribuídas e construídas pelos grupos humanos nos quais estamos inseridos, ao longo dos tempos. Em outras palavras, o ato de enunciação das Forças Armadas dá-se a partir da ideologia própria da caserna.

### III. “...sempre alinhadas com suas **legítimas** aspirações” (linhas 1 e 2)

Dentro desse enunciado, aparece o advérbio “sempre” que remete à ideia de totalidade e o adjetivo “legítimas” que antecede o substantivo “aspirações. Temos aí (legítimas) um signo ideológico valorado positivamente pelo locutor. Ao estar antes do substantivo, o adjetivo tem uma força entonativa maior. O uso do advérbio “sempre”, quer dizer que nenhuma circunstância que envolve o assunto em questão vai de encontro às aspirações do povo. Novamente, há o reforço de uma ideia autoritária, pela imposição do ponto de vista do locutor sobre o interlocutor.

O enunciado reforça o sentido de identificação entre sociedade e Forças Armadas quanto a seus propósitos. O advérbio reforça uma entonação de imposição, como se fosse uma observação inquestionável sobre a relação sociedade e Forças Armadas. Cabe observar que “sempre” retoma a ideia de atemporalidade de “participam” – é a apresentação de um horizonte ideológico comum, no sentido de compartilhado e inquestionável entre povo e Forças Armadas, que já funciona, também, como uma certa justificativa para que atuem como representantes da sociedade, portanto, as ações da instituição seriam as ações da sociedade – seria a sociedade como um todo, homogênea. Não haveria discordância entre os membros da sociedade. Há provável constatação de que os discordantes seriam os “não representantes da sociedade, portadores de outras vozes, de discursos dos inimigos

(comunismo e fascismo).

#### IV. “...episódio **simbólico**” (linha 3)

Esse acontecimento pode ser simbólico sob o ponto de vista das Forças Armadas e, possivelmente, de uma parte da sociedade tais quais como ocorrem, nos dias de hoje, os posicionamentos da população acerca de tais assuntos. Não há por que colocar esse termo “simbólico” com essa entonação positiva, se o 31 de março de 1964 não representou para TODOS algo digno de comemoração e de se tornar um símbolo.

O episódio “simbólico” nos remete à passagem do Marxismo e Filosofia da Linguagem (2018, pg.92) que nos diz: “Qualquer produto de consumo pode ser transformado em signo ideológico. O pão e vinho, por exemplo, tornam-se os símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão.” Assim como a comunhão se origina de símbolos, o evento de 31 de março para as Forças Armadas também tem e adquiriu a sua força simbólica, porque a ele retornamos como marco da nossa história.

#### 2º Parágrafo

7 Enxergar o Brasil daquela época em perspectiva histórica **nos** oferece a  
8 oportunidade de **constatar a verdade** e, principalmente, de exercitar o maior ativo  
9 humano - a **capacidade de aprender**.

#### I. “...**constatar a verdade...**” (linha 8)

Se nos remetermos ao estudo em uma respectiva história, é possível constatar outras verdades. Essa menção à verdade se relaciona dialogicamente com outros discursos sobre a referida data que, por sua vez, seriam “mentiras” ou erros de interpretação.

Para os membros do Círculo, não há uma verdade indiscutível, mas discursos tomados como verdadeiros numa determinada época para um determinado grupo, de acordo com suas perspectivas ideológicas.

O discurso tem uma valoração, um sentido, numa determinada época e outras valorações e sentidos em épocas diferentes. A enunciação, sempre contextualizada, envolve o locutor e o interlocutor numa determinada contextualização histórica e social. Quanto ao verbo selecionado “constatar”, cabe ressaltar que ele remete a algo indiscutível, inquestionável.

#### II. “...**capacidade de aprender**” (linha 9)

A escolha lexical desta expressão está avaliada positivamente, assim como o termo

acima (constatar a verdade). Aprender com fatos históricos, neste contexto, teria uma verdade única, uma direção única neste estudo dos fatos mencionados. Nessa passagem é visto como uma oportunidade de colher frutos, ensinamentos a partir de experiências vividas. Assim, se houve sofrimento no processo, hoje podemos perceber isso como algo positivo que nos trouxe aprendizados.

### III. “...nos oferece...” (linha 7)

Novamente o pronome de 1ª pessoa aparece, deixando subentendido: quem representaria o “nos”? A quem ele remete? Como é uma matéria publicada ostensivamente na internet, qualquer pessoa pode ter acesso, assim sendo, esse pronome inclui (nós) todos os brasileiros. Novamente um traço autoritário na seleção lexical, uma vez que não permite a hipótese de uma determinada parcela populacional não estar de acordo e não aderir a essa versão quanto ao estudo da perspectiva histórica que norteia o tema em questão.

### 3º Parágrafo

10 Desde o início da formação da nacionalidade, ainda no período colonial,  
11 passando pelos processos de independência, de afirmação da soberania e de  
12 consolidação territorial, até a adoção do modelo republicano, o País vivenciou,  
13 com maior ou menor nível de conflitos, **evolução** civilizatória que o trouxe até  
14 o alvorecer do Século XX.

### I. “...evolução civilizatória...” (linha 13)

A escolha lexical desse signo serve para nomear todo o processo histórico vivido anteriormente pelo país. Positivamente valorado, será que todos esses conflitos históricos foram realmente de evolução?

Na perspectiva do locutor da Ordem do Dia, sim. O signo reflete e refrata uma realidade, ao mesmo tempo. Portanto, vemos que o modo de nomear um objeto, um fato, uma ação ou período histórico, vem carregado ideológica e valorativamente, uma vez que expressa um posicionamento do locutor ao mesmo em que se refere ao mundo. Combinado com *capacidade de aprender*, analisado anteriormente, *evolução civilizatória* pretende influenciar a leitura do interlocutor ao apresentar valorações positivas relacionadas àquele momento social e histórico, como se fosse parafraseado por “tudo o que passamos foi um processo de evolução civilizatória, e com ele aprendemos.”

### 4º Parágrafo

**15** O início do século passado representou para a sociedade brasileira o  
**16** despertar para os fenômenos da industrialização, da urbanização e da  
**17** modernização, que haviam produzido desequilíbrios de poder, notadamente no  
**18** continente europeu.

Este parágrafo apenas introduz o contexto em que, mais tarde, desenvolveu-se a I Guerra Mundial, mas chama a atenção o fato de a industrialização ser apresentada como causa dos desequilíbrios de poder, evidenciando aqui um processo de reflexão e refração duma realidade.

#### **5º Parágrafo**

**19** Como resultado do impacto político, econômico e social, a humanidade se viu  
**20** envolvida na Primeira Guerra Mundial e assistiu ao avanço de **ideologias**  
**21** **totalitárias**, em ambos os extremos do espectro ideológico. Como faces de uma  
**22** mesma moeda, tanto o comunismo quanto o nazifascismo passaram a constituir  
**23** as principais ameaças à liberdade e à democracia.

#### **I. “...ideologias totalitárias” (linhas 20 e 21)**

Esse signo se refere a dois sistemas políticos, mas igualmente totalitários e antidemocráticos: o comunismo e o fascismo. Neste contexto, as Forças Armadas supostamente estariam contrárias a esses tipos de sistemas antidemocráticos.

O que representaria o episódio de 31 de março de 1964, senão uma ruptura explícita da democracia para uma parcela dos interlocutores?

Ele representaria, para essa parcela, um cerceamento da liberdade de expressão e de ação em relação à ideologia assumida pelas Forças Armadas.

#### **6º Parágrafo**

**24** Contra esses **radicalismos**, o **povo** brasileiro teve que defender a  
**25** **democracia** com seus **cidadãos fardados**. Em 1935, foram desarticulados os  
**26** amotinados da Intentona Comunista. Na Segunda Guerra Mundial, foram  
**27** derrotadas as forças do Eixo, com a participação da Marinha do Brasil, no



28 patrulhamento do Atlântico Sul e Caribe; do Exército Brasileiro, com a Força  
 29 Expedicionária Brasileira, nos campos de batalha da Itália; e da Força Aérea  
 30 Brasileira, nos céus europeus.

### I. “...democracia...” (linha 24)

Segundo o Dicionário da Academia Brasileira de Letras (2008), o termo “democracia” significa forma de governo na qual o povo exerce a soberania, por meio de seus representantes eleitos por votação.

No texto em análise, o signo tem uma valoração positiva e as Forças Armadas defenderiam a democracia que estaria ameaçada. O próprio episódio de 31 de Março de 1964 teria ocorrido em defesa da democracia. Isso é possível de concluir pela forma de abordagem desse último signo (democracia) no parágrafo, em que ocorre uma valoração negativa a sistemas antidemocráticos.

O enunciado coloca em tensão os pares comunismo/ nazifascismo e liberdade/democracia. Assim, a democracia está ao lado de liberdade e em oposição a comunismo e nazifascismo. O sentido vem dessas relações dialógicas estabelecidas pelo locutor, orientadas ao interlocutor. A ideia é a de que o locutor da Ordem do Dia assume um tom professoral, de instrução ao interlocutor, que supostamente desconheceria a História, a “evolução” dos Países... então, o locutor assume para si uma voz da razão e ensina/ impõe a sua visão ao interlocutor, a legenda de “verdade”, como se a História fosse independente de avaliações, de pontos de vista.

### II. “...contra esses **radicalismos**, o **povo** brasileiro teve que defender a democracia com seus **cidadãos fardados**.” (linhas 24 e 25)

O termo “radicalismo” retoma anaforicamente ideologias totalitárias (comunismo e nazifascismo), ou melhor, retoma um signo ideológico que reflete e refrata uma realidade. Na retomada por *radicalismo*, o locutor refere-se ao comunismo e ao nazifascismo e, simultaneamente, apresenta uma valoração dos sistemas: são radicais. Comprova-se a importância da análise do léxico como meio de se referir ao mundo e de apresentar uma avaliação sobre o objeto, ao mesmo tempo. O termo “povo”, na função de sujeito da oração, seguido do verbo “ter” remete à obrigatoriedade de defender a democracia valendo-se dos cidadãos fardados. Observa-se que “povo” neste texto é sinônimo de Forças Armadas e também de cidadão fardados, ou seja, apresenta uma certa homogeneidade do povo brasileiro, desconsiderando a parcela da população que tinha ideias e ideologias diferentes.

Esse signo ideológico “povo brasileiro”, assim como anteriormente citado o termo “nossa gente”, nos remete à ideia de totalidade. Será que todos os brasileiros estariam engajados nessa causa? Isso faz com que acreditemos que havia uma única “verdade”, “perspectiva”, um único “ponto de vista”, o que justamente vai de encontro aos conceitos democráticos de liberdade de expressão e vontade.

Dessa forma, o termo “democracia” tem, na Ordem do Dia, uma valoração que entra em conflito com o sentido que esse signo tem em outros inúmeros discursos de outras esferas e diverge inclusive da própria definição etimológica da palavra (demo = povo + cracia = força, poder). Assim, defender a democracia para o locutor seria defender a opinião das Forças Armadas.

Na sequência desse parágrafo, no documento em tela, são citados feitos e conquistas das Forças Armadas, que têm como objetivo a exaltação da instituição, tornando-se argumentos de persuasão com a ideia central de que as Forças Armadas sempre estão em defesa dos interesses do povo (totalidade do povo).

### 7º Parágrafo

31 A geração que empreendeu essa **defesa dos ideais de liberdade**, com o  
 32 **sacrifício** de muitos brasileiros, voltaria a ser testada no pós-guerra. A  
 33 polarização provocada pela Guerra Fria, entre as democracias e o bloco  
 34 comunista, afetou todas as regiões do globo, provocando conflitos de natureza  
 35 revolucionária no continente americano, a partir da década de 1950.

I. “...**defesa dos ideais de liberdade**, com o **sacrifício** de muitos brasileiros” (linhas 31 e 32)

O locutor nomeou os conflitos anteriores sob o signo ideológico “defesa dos ideais de liberdade”, atribuindo a esse signo uma única possibilidade de interpretação, desprezando outros sentidos para “ideais de liberdade”. Isso pode ser constatado também sob o ponto de vista da escolha lexical (“de + os ideais”). Novamente, tem-se um signo com valoração autoritária. A escolha do artigo definido para determinar o termo *ideais* para determinar o termo ideais, leva a uma generalização, isto é, são estes os ideais e não outros.

A escolha lexical de “sacrifícios” em lugar de mortes, torturas e exílios caracteriza a prática da figura de linguagem denominada eufemismo para não haver uma valoração negativa dessas práticas.

Essa forma ameniza as mortes ocorridas, no discurso em questão, induz à ideia de que seria uma prática necessária à imposição daquela ideologia assumida pelas Forças

Armadas.

### 8º Parágrafo

**36 O 31 de março** de 1964 estava inserido no ambiente da **Guerra Fria**, que se  
**37 refletia** pelo mundo e penetrava no País. **As famílias no Brasil estavam**  
**38 alarmadas e colocaram-se em marcha. Diante de um cenário de graves**  
**39 convulsões, foi interrompida a escalada em direção ao totalitarismo.** As  
**40** Forças Armadas, atendendo ao **clamor da ampla maioria da população e da**  
**41 imprensa brasileira**, assumiram o papel de **estabilização daquele processo.**

#### I. “O 31 de Março...” (linha 36)

O signo “O 31 de março” vem particularizado pelo artigo definido, que singulariza o evento, atribuindo-lhe uma importância ou destaque em relação a outros 31 de marços. Essa escolha gramatical específica e nomeia o signo ideológico em tela, tornando-o um símbolo. Como vimos anteriormente, dá-se aqui a construção de um signo a partir de um elemento do mundo, neste caso, um evento histórico.

#### II. “... Guerra Fria”<sup>1</sup> (linha 36)

A presença no enunciado do contexto “Guerra Fria” induz o leitor a lembrar desse momento histórico conflitante- o mundo dividido em dois polos ideológicos: USA e URSS. O sentido construído com essa abordagem é justificar o posicionamento das Forças Armadas: impedir que o sistema comunista se instaurasse no país.

#### III. “As famílias no Brasil estavam alarmadas e colocaram-se em marcha” (linhas 37 e 38)

Novamente o artigo definido “as” que precede o termo “famílias” remete à ideia de totalidade, conduzindo o interlocutor para uma conclusão de que esse movimento seria imprescindível para o Brasil. Isso se comprova com a seleção do adjetivo “alarmadas”. O verbo “colocaram-se” seguido do adjunto adverbial de modo “em marcha” militariza a população, isto é, tem a intenção de mostrar que a totalidade dos brasileiros estavam de acordo com o movimento das Forças Armadas. Constatamos aqui que povo é empregado no texto como sinônimo de Forças Armadas, mas a ação teria partido das famílias brasileiras, não da instituição. Há no enunciado uma tensão constitutiva de sentido entre *famílias no*

*Brasil e colocaram-se em marcha*. Isso representaria a militarização dos civis, já que *marcha* é um signo que remete diretamente à esfera militar. Constrói-se aqui uma relação dialógica tensa entre os civis e militares apresentados na Ordem como se constituíssem homogeneidade ideológica.

**IV. “Diante de um cenário de graves convulsões, foi interrompida a escalada em direção ao totalitarismo.** (linhas 38 e 39)

A expressão “cenário de graves convulsões” remete ao contexto histórico de manifestações diversas, próprias de um sistema democrático. A forma de nomear esses movimentos de manifestações como “graves convulsões” caracteriza um discurso autoritário e que, por ser tão grave, havia necessidade de ser não só interrompido, mas também de ser dominado, no caso em tela pelas Forças Armadas. Isso pode ser percebido pela sequência da frase “interrompida a escalada em direção ao totalitarismo.”

**V. “...atendendo ao clamor da ampla maioria da população e da imprensa brasileira.”** (linhas 40 e 41)

O uso da oração adverbial “atendendo ao clamor” conduz o leitor à inferência de que a participação das Forças Armadas deve-se mais que a um pedido da população e da imprensa, uma vez que o termo “clamor” denota uma verdadeira súplica para que a situação da época fosse controlada e dominada pelas Forças Armadas.

**VI. “... estabilização daquele processo.”** (linha 41)

A seleção do termo *estabilização* induz o interlocutor a concluir que as Forças Armadas normalizaram e controlaram aquele processo denominado anteriormente como *graves convulsões*. Teriam assim cumprido o papel de salvador da democracia, consolidando o seu valor frente às famílias brasileiras”.

**9º Parágrafo**

**42** Em 1979, um **pacto de pacificação** foi configurado na Lei da Anistia e  
**43 viabilizou a transição para uma democracia que se estabeleceu definitiva e**  
**44 enriquecida** com os aprendizados **daqueles tempos difíceis**. As lições

45 aprendidas com a História foram transformadas em ensinamentos para as novas  
46 gerações. Como todo processo histórico, o período que se seguiu experimentou  
47 avanços.

**I. “...pacto de pacificação...” (linha 42)**

A expressão “pacto de pacificação” deixa subentendida (afora o salto histórico de 1964 a 1979) a presença de outros discursos e manifesta-se contraditória, tendo em vista o enunciado anterior “estabilização do processo.” Por que era necessário um pacto de pacificação se o enunciado anterior deixa claro que as Forças Armadas exerceram um papel de estabilização no país? Percebe-se aqui claramente um exemplo de relação dialógica, como podemos perceber a partir de Bakhtin.

**II. “... viabilizou a transição para uma democracia que se estabeleceu definitiva e enriquecida...” (linhas 43 e 44)**

O discurso da viabilização da transição para uma democracia definitiva e enriquecida deixa subentendido que essa democracia nunca deixou de existir, ela sempre existiu, mesmo no período de intervenção das Forças Armadas, isso na visão do interlocutor.

**III. “...daqueles tempo difíceis.” (linha 44)**

Essa expressão anafórica retoma no texto aquela época conturbada (na percepção das Forças Armadas), mas cabe ressaltar que, para muitos, a época conturbada seria justamente a Ditadura Militar. Assim sendo, o interlocutor é induzido à conclusão de que foram as Forças Armadas que teriam salvado a nação à época. Percebemos aqui, mais uma vez, que o contexto social e histórico participa da construção dos sentidos, tanto quanto os elementos linguísticos, pois o sentido de *tempos difíceis* depende do contexto aludido pelo locutor, que pode ser outro para o interlocutor.

**10º Parágrafo**

48 As Forças Armadas, como instituições brasileiras, acompanharam essas  
49 mudanças. Em **estrita observância ao regramento democrático**, vêm

**50** mantendo o foco na sua missão constitucional e subordinadas ao poder  
**51** constitucional, com o propósito de manter a paz e a estabilidade, para que as  
**52** pessoas possam construir suas vidas.

**I. “...estrita observância ao regulamento democrático...” (linha 49)**

O termo “observância”, que já traz consigo uma carga semântica de normatização e imposição, vem enfatizado pelo adjetivo “estrita” que, associados à expressão “regramento democrático”, possibilita as seguintes interpretações: as Forças Armadas cumprem e fazem com que sejam cumpridas as regras democráticas, de acordo com a sua missão institucional precípua; em contrapartida, o termo regramento, dialogicamente, remete a outra concepção do verbo regram, que é a de sujeitar a certas regras, ou seja, há uma concepção implícita de uma democracia limitada.

**11º Parágrafo**

**53** Cinquenta e cinco anos passados, a Marinha, o Exército e a Aeronáutica  
**54** reconhecem o papel desempenhado por aqueles que, ao se depararem com os  
**55** desafios próprios da época, **agiram conforme os anseios da Nação Brasileira.**  
**56** Mais que isso, reafirmam o compromisso com a liberdade e a democracia, pelas  
**57** quais têm lutado ao longo da História.

**I. “... agiram conforme os anseios da Nação Brasileira.” (linha 55)**

Esse enunciado sintetiza o discurso construído no documento em análise, comprovando mais uma vez a convicção do locutor de que o movimento de 31 de março esteve desde sempre em concordância com as aspirações da população brasileira.

Na presente análise, portanto, fica evidente pela seleção lexical que, em todo o discurso, há uma entonação autoritária por parte das Forças Armadas.

Também é evidente que há uma seleção de expressões com valoração positiva por parte das Forças Armadas, tais como já citadas: “constatar a verdade, capacidade de aprender, evolução, defesa, ideias de liberdade, pacto de pacificação”, entre outras.

Cabe salientar, no entanto, que o documento em análise nada mais é do que a expressão de uma ideologia institucional que é assumida e defendida. Ainda é possível perceber que a argumentação do texto leva o interlocutor a constatar e acreditar que a ação da instituição foi em consonância com os anseios da população.

É válido esclarecer nesta análise que o tom impositivo da Ordem não decorre unicamente das escolhas lexicais ou das formulações sintáticas. Esse tom autoritário vem do próprio gênero Ordem do Dia-um enunciado escrito, lido, formulado por instâncias superiores da hierarquia militar, e dentro desse esfera, não espera resposta outra, senão o aceite e o silêncio.

<sup>1</sup> A **Guerra Fria** foi um **conflito político-ideológico** que foi travado entre Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), entre 1947 e 1991. O conflito travado entre esses dois países foi responsável por polarizar o mundo em dois grandes blocos, um alinhado ao capitalismo e outro alinhado ao comunismo.

Ao longo da segunda metade do século XX, a **polarização mundial** resultou em uma série de conflitos de pequena e média escala em diferentes locais do mundo. Esses conflitos contavam, muitas vezes, com o envolvimento indireto de EUA e URSS, a partir do financiamento da disponibilização de armas e de treinamento militar.

Contudo, nunca houve um confronto aberto entre americanos e soviéticos, sobretudo pela possibilidade de destruição do planeta em larga escala caso houvesse um conflito entre os dois. Apesar dos discursos afiados e da intensa atuação estratégica para manter sua zona de influência, americanos e soviéticos foram cautelosos ao extremo e evitaram um conflito contra o outro.

## 4.2

**MINISTÉRIO DA DEFESA Ordem do Dia Alusiva ao 31  
de março de 1964 Brasília, DF, 31 de março de 2020.**

1 O Movimento de 1964 é um marco para a democracia brasileira.  
2 O Brasil reagiu com determinação às ameaças que se formavam àquela  
3 época.

4 O entendimento de fatos históricos apenas faz sentido quando apreciados  
5 no contexto em que se encontram inseridos. O início do século XX foi marcado  
6 por duas guerras mundiais em consequência dos desequilíbrios de poder na  
7 Europa. Ao mesmo tempo, ideologias totalitárias em ambos os extremos do  
8 espectro ideológico ameaçavam as liberdades e as democracias. O  
9 nazifascismo foi vencido na Segunda Guerra Mundial com a participação do  
10 Brasil nos campos de batalha da Europa e do Atlântico. Mas, enquanto a  
11 humanidade tratava os traumas do pós-guerra, outras ameaças buscavam  
12 espaços para, novamente, impor regimes totalitários.

13 Naquele período convulsionado, o ambiente da Guerra Fria penetrava no  
14 Brasil. Ingredientes utópicos embalavam sonhos com promessas de igualdades  
15 fáceis e liberdades mágicas, engodos que atraíam até os bem-intencionados.  
16 As instituições se moveram para sustentar a democracia, diante das pressões  
17 de grupos que lutavam pelo poder. As instabilidades e os conflitos  
18 recrudesciam e se disseminavam sem controle.

19 A sociedade brasileira, os empresários e a imprensa entenderam as ameaças  
20 daquele momento, se aliaram e reagiram. As Forças Armadas assumiram a  
21 responsabilidade de conter aquela escalada, com todos os desgastes previsíveis.

22 Aquele foi um período em que o Brasil estava pronto para transformar em  
23 prosperidade o seu potencial de riquezas. Faltava a inspiração e um sentido de  
24 futuro. Esse caminho foi indicado. Os brasileiros escolheram. Entregaram-se à  
25 construção do seu País e passaram a aproveitar as oportunidades que eles  
26 mesmos criavam. O Brasil cresceu até alcançar a posição de oitava economia do



27 mundo.

28 A Lei da Anistia de 1979 permitiu um pacto de pacificação. Um acordo político  
29 e social que determinou os rumos que ainda são seguidos, enriquecidos com os  
30 aprendizados daqueles tempos difíceis.

31 O Brasil evoluiu, tornou-se mais complexo, mais diversificado e com outros  
32 desafios. As instituições foram regeneradas e fortalecidas e assim estabeleceram  
33 limites apropriados à prática da democracia. A convergência foi adotada como  
34 método para construir a convivência coletiva civilizada. Hoje, os brasileiros vivem o  
35 pleno exercício da liberdade e podem continuar a fazer suas escolhas.

36 As Forças Armadas acompanharam essas mudanças. A Marinha, o Exército e a  
37 Aeronáutica, como instituições nacionais permanentes e regulares, continuam a  
38 cumprir sua missão constitucional e estão submetidas ao regramento democrático  
39 com o propósito de manter a paz e a estabilidade.

40 Os países que cederam às promessas de sonhos utópicos, ainda lutam para  
41 recuperar a liberdade, a prosperidade, as desigualdades e a civilidade que rege  
42 as nações livres.

43 O Movimento de 1964 é um marco para a democracia brasileira. Muito  
44 mais pelo que evitou.

**FERNANDO AZEVEDO E SILVA**

Ministro de Estado da Defesa

**ILQUES BARBOSA JUNIOR**

Almirante de Esquadra  
Comandante da Marinha

**Gen Ex EDSON LEAL PUJOL**

Comandante do Exército

**Ten Brig Ar ANTONIO C. M.**

**BERMUDEZ** Comandante da  
Aeronáutica

Dando continuidade ao trabalho de análise proposta nesta tese, apresentaremos a seguir fragmentos do gênero Ordem do Dia de 31 de março de 1964, confeccionada em 2020 pelas Forças Armadas. Nesses fragmentos, serão destacados e avaliados os signos que revelam mais claramente posicionamentos ideológicos. Cabe ressaltar que em termos políticos, o país

encontrava-se sob a mesma governança que em 2019, conseqüentemente sob a mesma orientação ideológica, ou seja, não houve mudanças em relação ao contexto social e político da Ordem anterior.

### 1º Parágrafo

- 1 O Movimento de 1964 é um marco para a democracia brasileira.
- 2 O Brasil reagiu com determinação às ameaças que se formavam àquela
- 3 época.

#### I. “(...) marco para a **democracia brasileira.**” (linha 1)

A presença do termo *marco* no primeiro parágrafo da Ordem do Dia de 2020 referente ao movimento de 1964 enfatiza a valoração positiva que o movimento representou e representa até os dias de hoje na visão das Forças Armadas e seguidores pelo rumo que a sociedade tomou, a partir de então, tanto em termos políticos como sociais.

Como vimos na análise anterior, trata-se de um signo que reflete e retrata uma realidade, aquela defendida pelas Forças Armadas, de que o movimento foi necessário e veio para atender o clamor da sociedade.

O signo *democracia* neste enunciado determinado pelo adjetivo “brasileira” assume a valoração positiva em oposição a outros pontos de vista da sociedade que concebe o movimento como ausência da democracia (ditadura). Como todo signo ideológico, uma realidade (a das Forças Armadas) é refletida e retratada.

#### II. “O Brasil reagiu **com determinação às ameaças ...**” (linha 2)

Essa metonímia utilizada “O Brasil” simbolizando a totalidade dos brasileiros pelo locutor faz crer que a totalidade da população brasileira estava de acordo com o movimento de 1964, ou seja, o locutor impõe a sua visão como única verdade independente de outras avaliações e pontos de vista, possíveis.

Ao expressar-se assim, as Forças Armadas assumem a voz da sociedade brasileira como se falasse por ela. Há um tom de convergência de ações, uma unificação de tomada de atitudes que teria sido concretizada pelas Forças Armadas.

O uso da expressão adverbial *com determinação* ilustra a necessidade, segundo as Forças Armadas, de uma postura mais rígida e, até mesmo, radical para que se impusesse essa

modificação social e política que, segundo as Forças Armadas, representavam o anseio popular. Isso fica comprovado na sequência do enunciado pela expressão *às ameaças*, que de acordo com análise da Ordem do Dia anterior era representada pelo nazifascismo e comunismo. Esse signo ideológico *ameaças* contém o sentido de necessidade de reagir com determinação, ou seja, cria-se, aqui uma tensão, em outras palavras, uma relação dialógica de confronto.

## 2º Parágrafo

4 O entendimento de fatos históricos apenas faz sentido quando apreciados  
 5 no contexto em que se encontram inseridos. O início do século XX foi marcado  
 6 por duas guerras mundiais em consequência dos desequilíbrios de poder na  
 7 Europa. Ao mesmo tempo, ideologias totalitárias em ambos os extremos do  
 8 espectro ideológico ameaçavam as liberdades e as democracias. O  
 9 nazifascismo foi vencido na Segunda Guerra Mundial com a participação do  
 10 Brasil nos campos de batalha da Europa e do Atlântico. Mas, enquanto a  
 11 humanidade tratava os traumas do pós-guerra, outras ameaças buscavam  
 12 espaços para, novamente, impor regimes totalitários.

### I. “O entendimento de fatos históricos ... encontram inseridos”. (linhas 4 e 5)

Embora este enunciado remeta à ideia de Bakhtin de que a enunciação é sempre contextualizada histórica e socialmente, o documento traz, neste discurso, uma valoração positiva do movimento de 1964. Segundo Bakhtin (2011), em *estética da Criação Verbal*, é possível perceber que um fato histórico afastado do contexto histórico em que ocorreu, pode ser submetido a outras interpretações. Assim sendo, as ações violentas das Forças Armadas podem ser vistas como necessárias na época, na visão delas, mas hoje não mais, devido ao distanciamento do nosso olhar, um afastamento do tempo e de culturas, que revelam outros sentidos, novas interpretações. É possível presumirmos que a forma abordada no enunciado em análise seja uma forma de se proteger das interpretações futuras daquilo que foi feito no passado.

### II. “outras **ameaças** buscavam ...” (linha 11)

Conforme foi visto em análise da Ordem do Dia anterior, o termo “ameaças” remete a outros movimentos como o comunismo.

Cabe ressaltar, no entanto, que alguns outros signos ideológicos marcantes neste parágrafo não foram analisados em virtude de terem sido já avaliados na Ordem do Dia anterior. De um modo geral, o parágrafo evidencia uma exaltação ao papel das Forças Armadas brasileiras em relação à II Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, revela uma preocupação em relação a outras possíveis ameaças de regimes totalitários, que, como já foi visto, refere-se mais especificamente, ao regime comunista. Esse tom ameaçador por parte das Forças Armadas soa como justificativa para as suas ações.

### 3º Parágrafo

13 Naquele período convulsionado, o ambiente da Guerra Fria penetrava no  
 14 Brasil. Ingredientes utópicos embalavam sonhos com promessas de igualdades  
 15 fáceis e liberdades mágicas, engodos que atraíam até os bem-intencionados.  
 16 As instituições se moveram para sustentar a democracia, diante das pressões de  
 17 grupos que lutavam pelo poder. As instabilidades e os conflitos recrudesciam e se  
 18 disseminavam sem controle.

#### I. “Naquele período convulsionado...” (linha 13)

Esta expressão anafórica remete às ameaças às liberdades e democracias do parágrafo anterior. Essa expressão anafórica traz uma avaliação que qualifica o período como *convulsionado*. Essa avaliação diz respeito tanto ao conteúdo do enunciado quanto ao posicionamento do locutor. Dessa forma, percebe-se um sentido de justificativa de ações.

#### II. “Ingredientes utópicos ... fáceis ...” (linhas 14 e 15)

Com esta metáfora, o locutor designa e valora negativamente as “benesses” que, teoricamente, outros sistemas políticos trariam à população brasileira.

Na segunda parte do enunciado, o locutor com os termos “mágicos” e “engodos” novamente reforça negativamente outros pontos de vistas de outros sistemas políticos.

O termo “utópico” remete a algo inalcançável, nega a possibilidade de concretização das ideias propostas por outros sistemas. Também cabe destacar a força argumentativa da partícula “até” que inclui os “bem-intencionados” em oposição aos “mal-intencionados”, que supostamente seriam os discordantes, portadores de outras vozes (comunismo e nazifascismo). Temos aqui um locutor que se manifesta como detentor de um única verdade.

### III. “As **instituições** se moveram...” (linha 16)

Novamente, o signo “instituições” foi usado numa concepção totalizante, dando um sentido de identificação entre sociedade e Forças Armadas.

#### 4º Parágrafo

**19** A sociedade brasileira, os empresários e a imprensa entenderam as ameaças  
**20** daquele momento, se aliaram e reagiram. As Forças Armadas assumiram a  
**21** responsabilidade de conter aquela escalada, com todos os desgastes previsíveis.

### I. “As **sociedade brasileira**, os **empresários** e a **imprensa...**” (linha 19)

A concepção de identificação e aliança entre povo brasileiro e Forças Armadas se confirma, pela voz do locutor, no sujeito sintático do enunciado. Destaca-se, portanto, a evidência de um discurso monológico, isto é, um discurso que, segundo Bakhtin, visa orientar o interlocutor para um único ponto de vista.

### II. “As **Forças Armadas** assumiram ... **desgastes previsíveis.**” (linhas 20 e 21)

Do ponto de vista do locutor pode-se obter a seguinte compreensão:

- a) Houve um protagonismo das Forças Armadas neste movimento de “contenção da escalada” das ameaças ao sistema democrático”;
- b) Ao definir as Forças Armadas no comando deste freio às ameaças, à democracia e à liberdade, era presumível que em um determinado momento fossem usados os instrumentos e métodos que definem as Forças Armadas: as armas e a força para contenção dos movimentos contrários, se preciso fosse.
- c) Os desgastes previsíveis seriam possivelmente críticas que as Forças Armadas poderiam sofrer em relação às atitudes que viessem a tomar para defender a sociedade brasileira. Esses desgastes significariam o “sacrifício” das Forças Armadas em favor da sociedade.

#### 5º Parágrafo

**22** Aquele foi um período em que o Brasil estava pronto para transformar em  
**23 prosperidade** o seu potencial de **riquezas**. Faltava a **inspiração** e um **sentido de**  
**24 futuro**. Esse caminho foi indicado. Os brasileiros escolheram. Entregaram-se à  
**25 construção do seu País** e passaram a aproveitar as oportunidades que eles  
**26** mesmos criavam. O Brasil cresceu até alcançar a posição de **oitava economia do**  
**27 mundo**.

Os termos destacados no próprio parágrafo convergem para um sentido de valoração positiva do movimento como impulsionador do progresso de um país que estava pronto para experienciar um novo rumo econômico, mas que precisava apenas de uma nova inspiração e de um sentido de futuro, propiciado pelas Forças Armadas, tanto que o Brasil alcançou a oitava posição na economia do mundo, na visão das Forças Armadas obviamente. O parágrafo nos traz um tom otimista que se consolida pelo *caminho que foi indicado*, segundo a perspectiva do locutor.

O sentido de identificação de aspirações entre sociedade e Forças Armadas se confirma mais uma vez em “os brasileiros escolheram. Entregaram-se à construção do seu país.”

#### **6º Parágrafo**

**28** A Lei da Anistia de 1979 permitiu um pacto de pacificação. Um acordo político e  
**29** social que determinou os rumos que ainda são seguidos, enriquecidos com os  
**30** aprendizados daqueles tempos difíceis.

#### **I. “pacto de pacificação” (linha 28)**

Inicialmente, cabe um esclarecimento acerca da lei de anistia de 1979. Foi concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre o 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder. Assim sendo, o presidente João Baptista Figueiredo, em 28 ago de 1979, concedeu o perdão aos perseguidos políticos (que a ditadura chamava de subversivos), e, dessa forma, pavimentou o caminho para a redemocratização do Brasil, segundo o ponto de vista das Forças Armadas.

Como analisado anteriormente na Ordem do Dia de 2019, a expressão destacada suscita um confronto, ou seja, uma relação dialógica entre a necessidade de pacto de pacificação e uma valoração dada até o momento ao movimento.

## II. “(...) um **acordo político e social...**” (linhas 28 e 29)

Cabe questionar a validade da dicotomia expressa no enunciado acima, uma vez que se estavam em uma mesma perspectiva de ações e ideias povo e Forças Armadas, qual seria a necessidade de um acordo político e social? A resposta pode estar na lacuna que essa Ordem do Dia (e também nas demais analisadas) deixa entre 1964 e 1979. Há um não dito que pode ser recuperado pela compreensão ativa do interlocutor.

## III. “(...) **aprendizados daqueles tempos difíceis.**” (linha 30)

O locutor, neste enunciado, dá margem para a construção de sentido de que no processo do movimento político houve erros que serviram como lições para definir novos encaminhamentos e “modus operandi” de conduzir a nação. Caso contrário, não haveria necessidade de uma lei de anistia, nem tampouco um acordo político e social. Provavelmente essa interpretação e avaliação positiva dos fatos se deva ao distanciamento histórico que leva a perceber determinados acontecimentos históricos como *aprendizados*.

### 7º Parágrafo

**31** O Brasil evoluiu, tornou-se mais complexo, mais diversificado e com outros  
**32** desafios. As instituições foram regeneradas e fortalecidas e assim estabeleceram  
**33** limites apropriados à prática da democracia. A convergência foi adotada como  
**34** método para construir a convivência coletiva civilizada. Hoje, os brasileiros vivem o  
**35** pleno exercício da liberdade e podem continuar a fazer suas escolhas.

## I. “(...) **limites apropriados à prática da democracia.**” (linha 33)

A avaliação feita pelo locutor por meio do adjetivo *regeneradas* associado ao substantivo “instituições” neste parágrafo, estabelece uma relação dialógica com instituições degradadas anteriormente à atuação das Forças Armadas no movimento de 64, na visão das

Forças Armadas.

Essa relação também pode ser constatada em *limites apropriados à pratica da democracia*, opondo-se a limites não apropriados.

## II. “(...) convivência coletiva civilizada” (linha 34)

Aqui também ocorre uma relação dialógica (tensão de sentido) entre convivência coletiva civilizada que pressupõe uma não civilizada. Na visão das Forças Armadas, o sentido *convivência coletiva civilizada* refere-se a uma sociedade sem grandes conflitos ideológicos.

Do ponto de vista do locutor, houve ensinamentos a todos - Forças Armadas e sociedade civil, em função das práticas e doutrinas adotadas no movimento de 1964, que pela visão do próprio locutor talvez não tivesse sido tão civilizada assim anteriormente, isto é, durante o movimento.

### 8º e 9º Parágrafos

36 As Forças Armadas acompanharam essas mudanças. A Marinha, o Exército e a  
 37 Aeronáutica, como instituições nacionais permanentes e regulares, continuam a  
 38 cumprir sua missão constitucional e estão submetidas ao regramento democrático  
 39 com o propósito de manter a paz e a estabilidade.  
 40 Os países que cederam às promessas de sonhos utópicos, ainda lutam para  
 41 recuperar a liberdade, a prosperidade, as desigualdades e a civilidade que rege  
 42 as nações livres.

Os 8º e 9º parágrafos apenas reforçam a ideia da finalidade constitucional de existência das Forças Armadas na sociedade.

Percebemos aqui um tom de estabilidade, ao relacionarmos estes dois parágrafos com anterior, mais especificamente nas linhas 34 e 35, que nos diz: *hoje os brasileiros vivem o pleno exercício da liberdade e podem continuar a fazer suas escolhas*.

Segundo o locutor, *os países que cederam às promessas de sonhos utópicos*, ainda não atingiram o estágio conseguido pelo Brasil graças às ações das Forças Armadas.

### 10º Parágrafo

43 O Movimento de 1964 é um marco para a democracia brasileira. Muito mais  
 44 pelo que evitou.



**I. “Muito mais pelo que evitou.” (linhas 43 e 44)**

O enunciado que finaliza o texto chama atenção pelo sentido que deixa implícito em “pelo que evitou”, ou seja, do ponto de vista do locutor evitou a perda do sistema de democrático ameaçado por um sistema comunista e não como um ponto de vista de uma parcela da sociedade, que crê terem sido as Forças Armadas um agente desencadeador da interrupção do sistema democrático vigente à época.

Por fim, é possível perceber que também, neste texto, há a presença de uma determinada identificação entre Forças Armadas e sociedade. Estabelecem-se relações dialógicas entre determinados signos tais como: convivência civilizada e limites apropriados à prática democrática. Da mesma forma que o texto anterior, este imprime ao discurso uma valoração positiva de 64, embora admita que houve aprendizados.

## 4.3

**MINISTÉRIO DA DEFESA****Ordem do Dia Alusiva ao 31 de março de 1964**

Brasília, DF, 31 de março de 2021

1       Eventos ocorridos há 57 anos, assim como todo acontecimento histórico,  
2 só podem ser compreendidos a partir do contexto da época.

3       O século XX foi marcado por dois grandes conflitos bélicos mundiais e  
4 pela expansão de ideologias totalitárias, com importantes repercussões em todos  
5 os países.

6       Ao fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo, contando com a  
7 significativa participação do Brasil, havia derrotado o nazi-fascismo. O mapa  
8 geopolítico internacional foi reconfigurado e novos vetores de força disputavam  
9 espaço e influência.

10      A Guerra Fria envolveu a América Latina, trazendo ao Brasil um cenário de  
11 inseguranças com grave instabilidade política, social e econômica. Havia ameaça  
12 real à paz e à democracia.

13      Os brasileiros perceberam a emergência e se movimentaram nas ruas,  
14 com amplo apoio da imprensa, de lideranças políticas, das igrejas, do segmento  
15 empresarial, de diversos setores da sociedade organizada e das Forças  
16 Armadas, interrompendo a escalada conflitiva, resultando no chamado  
17 movimento de 31 de março de 1964.

18      As Forças Armadas acabaram assumindo a responsabilidade de pacificar  
19 o País, enfrentando os desgastes para reorganizá-lo e garantir as liberdades  
20 democráticas que hoje desfrutamos.

21      Em 1979, a Lei da Anistia, aprovada pelo Congresso Nacional, consolidou  
22 um amplo pacto de pacificação a partir das convergências próprias da democracia.

23 Foi uma transição sólida, enriquecida com a maturidade do aprendizado coletivo. O

24 País multiplicou suas capacidades e mudou de estatura.

25 O cenário geopolítico atual apresenta novos desafios, como questões

26 ambientais, ameaças cibernéticas, segurança alimentar e pandemias. As

27 Forças Armadas estão presentes, na linha de frente, protegendo a

28 população.

29 A Marinha, o Exército e a Força Aérea acompanham as mudanças,

30 conscientes de sua missão constitucional de defender a Pátria, garantir os

31 Poderes constitucionais, e seguros de que a harmonia e o equilíbrio entre

32 esses Poderes preservarão a paz e a estabilidade em nosso País.

33 O movimento de 1964 é parte da trajetória histórica do Brasil. Assim

34 devem ser compreendidos e celebrados os acontecimentos daquele 31 de

35 março.

## WALTER SOUZA BRAGA NETTO

Ministro de Estado da Defesa

### 1º Parágrafo

1 Eventos ocorridos há 57 anos, assim como todo acontecimento histórico,

2 só podem ser compreendidos a partir do contexto da época.

### I. “Só podem ser compreendidos a partir do contexto da época” (linha 2)

O primeiro parágrafo remete a um dos conceitos básicos do Círculo de Bakhtin, segundo o qual o enunciado é sempre contextualizado histórica e socialmente. Embora as três Ordens do Dia analisadas, de alguma forma, constituam paráfrases uma da outra, o primeiro enunciado de cada uma delas destaca “sujeitos gramaticais” distintos, ou seja, a primeira destaca *a atuação das Forças Armadas*, a segunda *o movimento de 64 como marco para a*

*democracia e a terceira eventos ocorridos há 57 anos.*

A construção de sentido que podemos perceber é de que há nas três um tom de exaltação.

### **2º Parágrafo**

**3** O século XX foi marcado por dois grandes conflitos bélicos mundiais e  
**4** pela expansão de ideologias totalitárias, com importantes repercussões em todos  
**5** os países.

#### **I. (...) ideologias totalitárias, conflitos bélicos ... (linhas 3 e 4)**

Assim como nos dois discursos anteriores (Ordem do Dia 2019 e 2020), os signos em tela, ou seus sinônimos, já foram analisados.

Trata-se, mais especificamente, dos signos ideológicos nazifascismo e comunismo.

### **3º Parágrafo**

**6** Ao fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo, contando com a  
**7** significativa participação do Brasil, havia derrotado o nazi-fascismo. O mapa  
**8** geopolítico internacional foi reconfigurado e novos vetores de força disputavam  
**9** espaço e influência.

#### **I. “(...) novos vetores de força disputavam espaço e influência.” (linhas 8 e 9)**

Buscando o significado de vetor no Manual de Instrução Militar (2009,p.28) associado à área militar tem-se como um dos sentidos “um veículo que transporta carga explosiva mais especificamente nuclear”. Fazendo uma analogia ao discurso em questão neste parágrafo, pode-se inferir que esse novo vetor de força com poder explosivo está associado ao comunismo, já que a outra ideologia totalitária já havia sido vencida.

#### 4º Parágrafo

**10** A Guerra Fria envolveu a América Latina, trazendo ao Brasil um cenário de  
**11** inseguranças com grave instabilidade política, social e econômica. Havia ameaça **12**  
 real à paz e à democracia.

#### I. “cenário de inseguranças com grave instabilidade política, social e econômica,” (linhas 10 e 11)

Esse cenário de inseguranças com grave instabilidade diz respeito à ameaça de implantação do regime totalitário (comunismo) no Brasil.

Chama atenção o plural do substantivo “insegurança” acompanhado do adjetivo “grave” acompanhando o substantivo “instabilidade” imprimindo ao texto uma entonação que leva o interlocutor a se convencer de que o movimento ao qual o discurso se refere (1964) era naquele momento imprescindível.

#### II. “ameaça real à paz e à democracia” (linhas 11 e 12)

A entonação valorativa das ações das Forças Armadas como “salvadoras” abordada no item anterior é confirmada neste enunciado em questão.

No enunciado, mais uma vez, destaca-se o signo “democracia” que gera uma forte relação dialógica entre dois pontos de vista: o das Forças Armadas que veem o movimento como defesa à democracia e o de parte da população que vê no movimento a supressão da liberdade.

#### 5º Parágrafo

**13** Os brasileiros perceberam a emergência e se movimentaram nas ruas,  
**14** com amplo apoio da imprensa, de lideranças políticas, das igrejas, do segmento  
**15** empresarial, de diversos setores da sociedade organizada e das Forças  
**16** Armadas, interrompendo a escalada conflitiva, resultando no chamado  
**17** movimento de 31 de março de 1964.

#### I. “Os brasileiros(...)”. (linha 13)

O substantivo *brasileiros* neste enunciado vem definido pelo artigo definido “os” que

remete à totalidade dos brasileiros, isso novamente sob o ponto de vista do locutor reforça o sentido de concordância de posicionamentos frente à ameaça.

**II. “(...) se movimentaram nas ruas, com amplo apoio da imprensa, de lideranças políticas, das igrejas, do segmento empresarial, de diversos setores da sociedade organizada e das Forças Armadas” (linhas 13, 14, 15 e 16)**

Esse movimento nas ruas conjunto com todos os segmentos da sociedade mostra a união do povo brasileiro em busca de um único objetivo, ideal – o mesmo das Forças Armadas, ou seja, o locutor assume para si a voz da razão, a de uma verdade única.

**6º Parágrafo**

**18** As Forças Armadas acabaram assumindo a responsabilidade de pacificar  
**19** o País, enfrentando os desgastes para reorganizá-lo e garantir as liberdades  
**20** democráticas que hoje desfrutamos.

**I. “As Forças Armadas acabaram assumindo a responsabilidade de pacificar...”.**

(Linha 18)

Há aqui uma antítese, no momento que se associa à Força Armada, com todo o seu poder bélico e de combate, a ação de pacificação, que sob a voz do locutor passa o sentido de uma força protetora à sociedade.

Fica evidente neste parágrafo que as Forças Armadas não só estariam com a função protetiva da sociedade, como também de reorganização. Constrói-se um sentido paternalista das Forças Armadas. Os *desgastes* seriam necessários na tarefa de reorganização do país como já abordado. Em *garantir as liberdades democráticas que hoje desfrutamos* reforça-se o sentido de que tudo foi necessário para alcançarmos a democracia atual. Mais uma vez o locutor justifica as ações das Forças Armadas.

**7º Parágrafo**

**21** Em 1979, a Lei da Anistia, aprovada pelo Congresso Nacional, consolidou  
**22** um amplo pacto de pacificação a partir das convergências próprias da democracia.  
**23** Foi uma transição sólida, enriquecida com a maturidade do aprendizado coletivo. O  
**24** País multiplicou suas capacidades e mudou de estatura.

**I. “Foi uma transição sólida, enriquecida com a maturidade do aprendizado coletivo”.** (linha 23)

A lei da anistia é vista aqui como um movimento natural da democracia.

Os adjetivos “sólida” e “enriquecida” imprimem uma força entonativa positiva à transição de uma etapa para a outra do movimento de 1964 e a fala do locutor deixa claro que os ensinamentos colhidos nesse contexto histórico são válidos para todos os envolvidos, inclusive para as próprias Forças Armadas.

**II. “O País multiplicou suas capacidades e mudou de estatura”.** (linhas 23 e 24)

O sentido atribuído ao desenvolvimento do país em diversos setores (com o termo estatura) deixa a possibilidade da compreensão de que o país só se desenvolveu e cresceu no cenário mundial graças às escolhas corretas da população como um todo em aliar-se às Forças Armadas no combate às forças contrárias.

**8º Parágrafo**

25 O cenário geopolítico atual apresenta novos desafios, como questões  
26 ambientais, ameaças cibernéticas, segurança alimentar e pandemias. As  
27 Forças Armadas estão presentes, na linha de frente, protegendo a  
28 população.

**I. “As Forças Armadas estão presentes, na linha de frente, protegendo a população”.** (linhas 26, 27 e 28).

O enunciado traz novos desafios para as Forças Armadas tais como: questões ambientais, ameaças cibernéticas, segurança alimentar e pandemia. Aparece, novamente, na voz do locutor o tom paternalista e protetor- como um pai que sabe do que o filho precisa, que aplica sanções, mas que sabe que será positivo no futuro.

Mesmo trazendo o contexto para a atualidade, com novos desafios impostos à sociedade, o locutor deixa explícito o sentido de identificação entre ações das Forças Armadas e ações da sociedade, evidenciando a missão de proteção à sociedade e o fato de estar sempre na linha de frente, seja qual for o desafio ou problema social/ político.

**9º Parágrafo**

**29** A Marinha, o Exército e a Força Aérea acompanham as mudanças,  
**30** conscientes de sua missão constitucional de defender a Pátria, garantir os  
**31** Poderes constitucionais, e seguros de que a harmonia e o equilíbrio entre  
**32** esses Poderes preservarão a paz e a estabilidade em nosso País.

**I. “A Marinha, o Exército e a Força Aérea...” (linha 29)**

Chama a atenção o detalhamento da composição das Forças Armadas com o propósito de enfatizar a união de todos os segmentos das Forças Armadas em prol de um único objetivo – o de cumprimento das missões constitucionais previstas conforme descritas neste parágrafo.

O papel das Forças Armadas é enfatizado neste parágrafo com a dupla menção à Constituição: missão constitucional e poderes constitucionais.

**10º Parágrafo**

**33** O movimento de 1964 é parte da trajetória histórica do Brasil. Assim  
**34** devem ser compreendidos e celebrados os acontecimentos daquele 31 de  
**35** março.

**I. “Assim devem ser compreendidos e celebrados os acontecimentos daquele 31 de março...” (linha 33, 34 e 35)**

O discurso do locutor é encerrado com uma apologia à celebração do movimento de 64, justificando a necessidade e intenção dessa comemoração e deixando claro que só não comemoram esse marco aqueles que não conhecem a “verdadeira” história do país e, portanto, não compreendem as razões do movimento.

Conforme os dois discursos anteriores, (Ordem do Dia de 2019 e 2020) o locutor assume uma verdade indiscutível acerca do movimento de 1964. Essa postura contraria o ponto de vista do Círculo de Bakhtin, à medida que ele postula que não há verdades indiscutíveis e que um determinado ponto de vista é válido em um determinado contexto e época, podendo ser outro em outros contextos e épocas. De acordo ainda com o Círculo, os sentidos, as entonações e valorações podem não ser as mesmas para diferentes interlocutores e locutores.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a presente tese, é possível percebermos as características típicas do discurso do gênero militar: claro, objetivo, com praticamente nenhuma abordagem pelo locutor que gere algum tipo de polêmica ou sentido dúbio nas afirmações por parte do interlocutor, no caso a tropa. Trata-se de um discurso monológico e, por parte do locutor, autoritário, o que é possível perceber por meio da seleção lexical e pela estrutura sintática presente no discurso para a tropa.

Neste trabalho, o objetivo foi realizar a análise da seleção lexical, do enunciado, da ideologia e da entonação do documento oficial expedido às Organizações Militares (quartéis) do país denominado – Ordem do Dia, mais especificamente as dos anos de 2019 e 2021.

Essa estrutura de documentos apresenta a todo tempo marcas de autoritarismo e não é por acaso a sua denominação, pois é uma leitura imposta à tropa sem condições de contrarresposta por parte do interlocutor, a conotação é impositiva – só resta o aceite e o silêncio.

A própria estrutura hierárquica da instituição Forças Armadas não permite qualquer manifestação contrária, uma vez que os pilares básicos da Hierarquia e da Disciplina são presentes em todas as ocasiões. O estudo em questão assentou-se na teoria de Bakhtin e seu Círculo e foram estudados conceitos básicos ao longo dos capítulos do presente trabalho que embasam o assunto em consonância com essa teoria, tais quais: o estudo do signo ideológico com a sua possibilidade de reflexão e refração, a entonação e a valoração do enunciado, heterodiscurso e a compreensão responsiva, entre outros.

Da análise das três Ordens do Dia, foi possível perceber que são praticamente paráfrases uma da outra, as três têm os mesmos sentidos, ou seja, consideram os mesmos tópicos: ameaça à democracia, conflitos na Europa, a participação heroica do Brasil na II Guerra Mundial, o compromisso por parte das Forças Armadas em salvar os brasileiros das ameaças de implantação de regimes totalitários no Brasil e a anistia. É praticamente o mesmo discurso parafraseado nas três ordens. Essa retomada repetitiva dos tópicos soa como imposição, uma força centrípeta, atuando sobre os documentos relativos a 1964.

Cabe, nessa fase final do trabalho, apresentar uma simplificada relação de signos que, apesar da paráfrase entre as três Ordens do Dia, demonstram algumas diferenças entre elas, como forma de reafirmar o pensamento Bakhtiano de que o contexto político e social mudaram de uma Ordem para outra e novos termos foram abordados que foram adequados ao novo contexto da época. Um exemplo prático dessa afirmação são os termos utilizados na última Ordem do Dia, época em que o Brasil atravessava um dos piores cenários da humanidade – a

pandemia em função da Covid 19, além de problemas ambientais e na área cibernética.

Na Ordem do dia de 2019, é possível percebermos o destaque de signos tais como: *Guerra Fria, desequilíbrios de poder, radicalismos, sacrifício, pacto de pacificação, cenário de graves convulsões e regramento democrático*, entre outros.

Na Ordem do Dia de 2020, percebemos o destaque de signos como: *traumas pós-guerra democracia brasileira, lei da Anistia, convivência coletiva civilizado, liberdade, prosperidade, sonhos utópicos, civilidade*, entre outros.

Já na Ordem do Dia de 2021, podemos perceber como destaque signos como: *espaço, influência, mapa geopolítico reconfigurado, pacificar, garantir as liberdades, democráticas, estatura, desafios, questões ambientais, ameaças cibernéticas, segurança alimentar e pandemias, proteção, população, poderes constitucionais estabilidade*, entre outros.

É possível constatar que em todas as Ordens, há um sentido “paternal” de abordagem pelo locutor em relação às Forças Armadas, com, se preciso, desgastes necessários para a sua tarefa institucional de “salvadora” da democracia e da população.

Há a missão, segundo os locutores, de reorganização dos país frente à instabilidade política e social da sociedade. Sempre presente está o signo “democracia”, quando se aborda a garantia das liberdades desfrutadas no país hoje por todos, como uma forma de reconhecimento e gratidão por esse status atual de equilíbrio nas questões político-sociais.

A análise do signo democracia é um dos objetivos desse trabalho porque é em nome dela que as Forças Armadas procuram justificar em todos os documentos em tela as suas ações tanto no passado como no presente. Esse termo tem um sentido ideológico muito forte e, para o locutor, a voz das Forças Armadas é a voz da sociedade, já que constroem a história conjuntamente. Conforme é sabido, o ato de enunciação dá-se a partir das valorações atribuídas e construídas pelos grupos humanos nos quais estamos inseridos, ao longo dos tempos, isto é, o ato de enunciação das Forças Armadas dá-se a partir da ideologia própria da caserna.

A bem da verdade, o evento de 31 de março de 1964 para as Forças Armadas tem e adquiriu uma força simbólica, pois a ele retornamos como marca da nossa história a cada ano no momento da leitura às tropas da Ordem do Dia na caserna. Nesses documentos, o locutor assume uma verdade indiscutível acerca do movimento de 1964. Essa postura entra em conflito com o ponto de vista do Círculo de Bakhtin, uma vez que este postula que não há verdades indiscutíveis e que um determinado ponto de vista é válido em um determinado contextos e época, podendo ser outro em outros contextos e épocas. Os sentidos, as entonações e valorações podem não ser as mesmas para diferentes interlocutores e locutores.

Encerrando, o presente trabalho cabe ressaltar que para as Forças Armadas, a

instituição na condição de representante da sociedade e da sua voz, houve, a todo o momento, o objetivo de defender a democracia ameaçada e o próprio 31 de março de 1964 foi um episódio que teria ocorrido em defesa dela. Em todos documentos em tela, o termo democracia tem uma valoração positiva e as Forças Armadas seriam uma espécie de “guardiã” desse sistema, mesmo que tivessem que com “sacrifício” defendê-la usando até mesmo a força e as armas.

Por fim, com essa tese, esperamos ter contribuído para a análise de uma esfera ainda não tão explorada no meio acadêmico, na área de letras, que é a esfera militar, com suas características próprias, seu estilo e gênero peculiares. Espera-se também que possa ser possível despertar o interesse de outros pesquisadores, para que se produzam novas indagações e novos resultados acerca desse assunto

## REFERÊNCIAS

ACOSTA-Pereira, Rodrigo; RODRIGUES Rosângela Hammes. **O conceito de valorção nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. Linguagem em (Dis)curso.** Tubarão, SC, v.14, n.1, p.177-194, jan./abr. 2014. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/ld/a/KTGv6yBxFHQFVDCqTjdmRXk/abstract/?lang=pt>>

Acesso em: 10 de novembro de 2021.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas.** São Paulo: Musa Editora, 2004.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética.** São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1964.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do Discurso.** Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo. Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail **Teoria do romance I: A estilística** /Mikhail Bakhtin; tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. - São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª Edição).256 p.

BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação social.** São Paulo: Cortez, 2008.

BEZERRA, Paulo. **Bobók, de Fiódor Dostoiévski** (com ensaio de Paulo Bezerra). São Paulo: Editora 34, 2005

BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido.** São Paulo: Unicamp, 1997.

BRAIT, Beth. **Problemas da poética de Dostoiévski e estudos da linguagem.** In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: dialogismo e polifonia.** São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, Beth (org). **O conceito de estilo em Bakhtin: dimensão teórica e prática.**

PUC-SP/USP/CNPq – Brasil, 2017.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 46 ed. São Paulo: Nacional, 2010

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2007.

COSTA VAL, M. Da G. C. **Atividades de Produção de Textos Escritos em Livros Didáticos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental**. In: ROJO, R & BATISTA, A. A. Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. **A Linguagem em Bakhtin: Pontos e Pespontos**. Ver. Est. Ling, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.95-111, jan./dez. Veredas, 2003

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. **Plurilinguismo**. In: FLORES, Valdir do Nascimento ; BARBISAN, Leci Borges; FINATO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. Dicionário de linguística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2009.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário das ciências da linguagem**. 6 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

FARACO, C.A; TEZZA, C.; CASTRO, G. De et al (orgs). **Diálogos com Bakhtin**. 3 ed. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: As Ideias Linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Edições Criar, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento **Dicionário de Linguística da Enunciação / organizadores Valdir do Nascimento Flores [etal.]**. - São Paulo : Contexto, 2009

FUZER, Cristiane. **Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do direito representam atores sociais em um sistema de gêneros**. 2008. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

GRILLO, S. V. C. **A noção de 'tema do gênero' na obra do Círculo de Bakhtin**. **Estudos Lingüísticos**. São Paulo, v. 1, p. 1825-1834, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística aplicada ao ensino do português**. Porto

Alegre: Mercado Alegre, 1987.

LALANDE, André. **Vocabulaire technique et critique de la philosophie**. 6<sup>o</sup> ed. France: Sixième édition, 1951. p. 237-238.

LAUSBERG, Heinrich. **Manual de Retórica Literária**. Madrid: Editorial Gredos, 1966.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MÓISES, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. 2 ed. Campinas: Pontes, 1987.

PISTORI, M. H. C. **Retórica, argumentação e análise dialógica do discurso**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 63, n. 2, 2019. DOI: 10.1590/1981-5794-1909-2. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/11773>. Acesso em: 10 nov. 2021.

POLATO, A.D.M; BELOTI, A; MENEGASSI, R.J. Práticas epilinguísticas axiológicas na reescrita. In: **Rodas de conversa bakhtiniana: fronteiras**, 2018, Cascavel. Fronteiras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

PONZIO, Augusto. **A Revolução Bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, Jairo Eduardo G. F. **O Gênero Discursivo na Esfera Militar – Exército Brasileiro**. Centro Universitário Ritter dos Reis – Dissertação de Mestrado. 2013

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

TEIXEIRA, Marlene. LOPES, Thais Coelho. **Em busca de compreensão do conceito de polifonia em Bakhtin**. In: Caderno de Pesquisas em Linguística, Porto Alegre, vol. 5, número 1, novembro de 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros**. In: 4<sup>o</sup> Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Anais. Uberlândia, 2007.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. . Ensaio introdutório de

Grillo, Sheila. . São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.

## Anexos

### MINISTÉRIO DA DEFESA

Ordem do Dia Alusiva ao 31 de Março de 1964 MINISTÉRIO

Brasília, DF, 31 de março de 2019

As Forças Armadas participam da história da nossa gente, sempre alinhadas com as suas legítimas aspirações. O 31 de Março de 1964 foi um episódio simbólico dessa identificação, dando ensejo ao cumprimento da Constituição Federal de 1946, quando o Congresso Nacional, em 2 de abril, declarou a vacância do cargo de Presidente da República e realizou, no dia 11, a eleição indireta do Presidente Castello Branco, que tomou posse no dia 15.

Enxergar o Brasil daquela época em perspectiva histórica nos oferece a oportunidade de constatar a verdade e, principalmente, de exercitar o maior ativo humano - a capacidade de aprender.

Desde o início da formação da nacionalidade, ainda no período colonial, passando pelos processos de independência, de afirmação da soberania e de consolidação territorial, até a adoção do modelo republicano, o País vivenciou, com maior ou menor nível de conflitos, evolução civilizatória que o trouxe até o alvorecer do Século XX.

O início do século passado representou para a sociedade brasileira o despertar para os fenômenos da industrialização, da urbanização e da modernização, que haviam produzido desequilíbrios de poder, notadamente no continente europeu.

Como resultado do impacto político, econômico e social, a humanidade se viu envolvida na Primeira Guerra Mundial e assistiu ao avanço de ideologias totalitárias, em ambos os extremos do espectro ideológico. Como faces de uma mesma moeda, tanto o comunismo quanto o nazifascismo passaram a constituir as principais ameaças à liberdade e à democracia.

Contra esses radicalismos, o povo brasileiro teve que defender a democracia com seus cidadãos fardados. Em 1935, foram desarticulados os amotinados da Intentona Comunista. Na Segunda Guerra Mundial, foram derrotadas as forças do Eixo, com a participação da Marinha do Brasil, no patrulhamento do Atlântico Sul e Caribe; do Exército Brasileiro, com a Força Expedicionária Brasileira, nos campos de batalha da Itália; e da Força Aérea Brasileira, nos céus europeus.

A geração que empreendeu essa defesa dos ideais de liberdade, com o sacrifício de muitos brasileiros, voltaria a ser testada no pós-guerra. A polarização provocada pela Guerra Fria, entre as democracias e o bloco comunista, afetou todas



as regiões do globo, provocando conflitos de natureza revolucionária no continente americano, a partir da década de 1950.

O 31 de março de 1964 estava inserido no ambiente da Guerra Fria, que se refletia pelo mundo e penetrava no País. As famílias no Brasil estavam alarmadas e colocaram-se em marcha. Diante de um cenário de graves convulsões, foi interrompida a escalada em direção ao totalitarismo. As Forças Armadas, atendendo ao clamor da ampla maioria da população e da imprensa brasileira, assumiram o papel de estabilização daquele processo.

Em 1979, um pacto de pacificação foi configurado na Lei da Anistia e viabilizou a transição para uma democracia que se estabeleceu definitiva e enriquecida com os aprendizados daqueles tempos difíceis. As lições aprendidas como História foram transformadas em ensinamentos para as novas gerações. Como todo processo histórico, o período que se seguiu experimentou avanços.

As Forças Armadas, como instituições brasileiras, acompanharam essas mudanças. Em estrita observância ao regramento democrático, vêm mantendo o foco na sua missão constitucional e subordinadas ao poder constitucional, com o propósito de manter a paz e a estabilidade, para que as pessoas possam construir suas vidas.

Cinquenta e cinco anos passados, a Marinha, o Exército e a Aeronáutica reconhecem o papel desempenhado por aqueles que, ao se depararem com os desafios próprios da época, agiram conforme os anseios da Nação Brasileira. Mais que isso, reafirmam o compromisso com a liberdade e a democracia, pelas quais têm lutado ao longo da História.

## **FERNANDO AZEVEDO E SILVA**

Ministro de Estado da Defesa

<b>ILQUES BARBOSA JUNIOR</b> Almirante de Esquadra Comandante da Marinha	<b>Gen Ex EDSON LEAL PUJOL</b> Comandante do Exército	<b>Ten Brig Ar ANTONIO C. M. BERMUDEZ</b> Comandante da Aeronáutica
--	--	--

## MINISTÉRIO DA DEFESA

Ordem do Dia Alusiva ao 31 de Março de 1964 Brasília, DF,

31 de março de 2020.

O Movimento de 1964 é um marco para a democracia brasileira. O Brasil reagiu com determinação às ameaças que se formavam àquela época.

O entendimento de fatos históricos apenas faz sentido quando apreciados no contexto em que se encontram inseridos. O início do século XX foi marcado por duas guerras mundiais em consequência dos desequilíbrios de poder na Europa. Ao mesmo tempo, ideologias totalitárias em ambos os extremos do espectro ideológico ameaçavam as liberdades e as democracias. O nazifascismo foi vencido na Segunda Guerra Mundial com a participação do Brasil nos campos de batalha da Europa e do Atlântico. Mas, enquanto a humanidade tratava os traumas do pós-guerra, outras ameaças buscavam espaços para, novamente, impor regimes totalitários.

Naquele período convulsionado, o ambiente da Guerra Fria penetrava no Brasil. Ingredientes utópicos embalavam sonhos com promessas de iguais e liberdades mágicas, engodos que atraíam até os bem-intencionados. As instituições se moveram para sustentar a democracia, diante das pressões de grupos que lutavam pelo poder. As instabilidades e os conflitos recrudesciam e se disseminavam sem controle.

A sociedade brasileira, os empresários e a imprensa entenderam as ameaças daquele momento, se aliaram e reagiram. As Forças Armadas assumiram a responsabilidade de conter aquela escalada, com todos os desgastes previsíveis.

Aquele foi um período em que o Brasil estava pronto para transformar em prosperidade o seu potencial de riquezas. Faltava a inspiração e um sentido de futuro. Esse caminho foi indicado. Os brasileiros escolheram. Entregaram-se à construção do seu País e passaram a aproveitar as oportunidades que eles mesmos criavam. O Brasil cresceu até alcançar a posição de oitava economia do mundo.

A Lei da Anistia de 1979 permitiu um pacto de pacificação. Um acordo político e social que determinou os rumos que ainda são seguidos, enriquecidos com os aprendizados daqueles tempos difíceis.

O Brasil evoluiu, tornou-se mais complexo, mais diversificado e com outros desafios. As instituições foram regeneradas e fortalecidas e assim estabeleceram limites apropriados à prática da democracia. A convergência foi adotada como método para construir a convivência coletiva civilizada. Hoje, os brasileiros vivem o pleno exercício da liberdade e podem continuar a fazer suas escolhas.

As Forças Armadas acompanharam essas mudanças. A Marinha, o Exército e a Aeronáutica, como instituições nacionais permanentes e regulares, continuam a cumprir sua missão constitucional e estão submetidas ao regramento democrático como propósito de manter a paz e a estabilidade.

Os países que cederam às promessas de sonhos utópicos, ainda lutam para recuperar a liberdade, a prosperidade, as desigualdades e a civilidade que rege as nações livres.

O Movimento de 1964 é um marco para a democracia brasileira. Muito mais pelo que evitou.

**FERNANDO AZEVEDO E SILVA**

**Ministro de Estado da Defesa**

**ILQUES BARBOSA JUNIOR**

**Almirante de Esquadra**

**Comandante da Marinha Gen**

**Ex EDSON LEAL PUJOL**

**Comandante do Exército**

**Ten Brig Ar ANTONIO C. M. BERMUDEZ**

**Comandante da Aeronáutica**

## MINISTÉRIO DA DEFESA

### Ordem do Dia Alusiva ao 31 de março de 1964

Brasília, DF, 31 de março de 2021

Eventos ocorridos há 57 anos, assim como todo acontecimento histórico, só podem ser compreendidos a partir do contexto da época.

O século XX foi marcado por dois grandes conflitos bélicos mundiais e pela expansão de ideologias totalitárias, com importantes repercussões em todos os países.

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo, contando com a significativa participação do Brasil, havia derrotado o nazi-fascismo. O mapa geopolítico internacional foi reconfigurado e novos vetores de força disputavam espaço e influência.

A Guerra Fria envolveu a América Latina, trazendo ao Brasil um cenário de inseguranças com grave instabilidade política, social e econômica. Havia ameaça real à paz e à democracia.

Os brasileiros perceberam a emergência e se movimentaram nas ruas, com amplo apoio da imprensa, de lideranças políticas, das igrejas, do segmento empresarial, de diversos setores da sociedade organizada e das Forças Armadas, interrompendo a escalada conflitiva, resultando no chamado movimento de 31 de março de 1964.

As Forças Armadas acabaram assumindo a responsabilidade de pacificar o País, enfrentando os desgastes para reorganizá-lo e garantir as liberdades democráticas que hoje desfrutamos.

Em 1979, a Lei da Anistia, aprovada pelo Congresso Nacional, consolidou um amplo pacto de pacificação a partir das convergências próprias da democracia. Foi uma transição sólida, enriquecida com a maturidade do aprendizado coletivo. O País multiplicou suas capacidades e mudou de estatura.

O cenário geopolítico atual apresenta novos desafios, como questões ambientais, ameaças cibernéticas, segurança alimentar e pandemias. As Forças Armadas estão presentes, na linha de frente, protegendo a população.

A Marinha, o Exército e a Força Aérea acompanham as mudanças, conscientes de sua missão constitucional de defender a Pátria, garantir os Poderes constitucionais, e seguros de que a harmonia e o equilíbrio entre esses Poderes preservarão a paz e a estabilidade em nosso País.

O movimento de 1964 é parte da trajetória histórica do Brasil. Assim devem ser compreendidos e celebrados os acontecimentos daquele 31 de março.

**WALTER SOUZA BRAGA NETTO**

Ministro de Estado da Defesa



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande  
do Sul Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Av. Ipiranga, 6681 — Prédio 1 —

Térreo Porto Alegre — RS —

Brasil

Fone: (51) 3320-3513

E-mail:

[propesq@pucrs.br](mailto:propesq@pucrs.br)

Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)